

Valéria Soares

MEMÓRIA UESPI





UNIVERSIDADE ESTADUALDO PIAUÍ – UESPI

Evandro Alberto de Sousa
Reitor

Rosineide Candeia de Araújo
Vice-Reitora

Nayana Pinheiro Machado de Freitas Coelho
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Gustavo Oliveira de Meira Gusmão
Pró-Reitor Adj. de Ensino de Graduação

Ailma do Nascimento Silva
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Pedro Antônio Soares Júnior
Pró-Reitor de Administração

Geraldo Eduardo da Luz Júnior
Pró-Reitor Adj. de Administração

Raimundo Isídio de Sousa
Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Joseane de Carvalho Leão
Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

Eliene Maria Viana de Figueirêdo Pierote
Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

Marcelo de Sousa Neto
Editor da Universidade Estadual do Piauí



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ • UESPI



José Wellington Barroso de Araújo Dias Governador do Estado
Maria Regina Sousa Vice-governadora do Estado
Evandro Alberto de Sousa Reitor
Rosineide Candeia de Araújo Vice-Reitora
Nayana Pinheiro Machado de Freitas Coelho Pró-Reitora de Ensino de Graduação
Gustavo Oliveira de Meira Gusmão Pró-Reitor Adj. de Ensino de Graduação
Ailma do Nascimento Silva Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação
Pedro Antônio Soares Júnior Pró-Reitor de Administração
Geraldo Eduardo da Luz Júnior Pró-Reitor Adj. de Administração
Raimundo Isídio de Sousa Pró-Reitor de Planejamento e Finanças
Joseane de Carvalho Leão Reitora Adj. de Planejamento e Finanças
Eliene Maria Viana de Figueirêdo Pierote Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários
Marcelo de Sousa Neto Editor da Universidade Estadual do Piauí
Autora Revisão
Leonardo Dias Diagramação
Editora e Gráfica UESPI e-book

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca Central da UESPI

O48m Oliveira, Valéria Soares.
Memória UESPI / Valéria Soares Oliveira. – Teresina: FUESPI, 2021.
E-book.

ISBN: 978-65-89616-21-2

1. Educação. 2. Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - História.
3. Educação superior. I. Título.

CDD: 378.053

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecária) CRB 3ª Região/1188

Fundação Universidade Estadual do Piauí - FUESPI
UESPI (Campus Poeta Torquato Neto)
Rua João Cabral • n. 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI
Todos os Direitos Reservados



AGRADECIMENTOS

O Memória UESPI é fruto de uma série de reportagens que foram feitas ao longo de três anos com base em entrevistas, documentos, fotografias e monumentos que contam a formação da Universidade Estadual do Piauí. Percorri a maioria das cidades, com campi da instituição, para conversar com os familiares, amigos e propositores das homenagens de personalidades e eventos históricos. A eles, tenho minha eterna gratidão pela colaboração na construção do meu primeiro livro.

Ao prospectar a construção da obra, refleti sobre o quanto foi desafiador e prazeroso conhecer e escrever sobre essas histórias para as reportagens. Para a minha universidade desejo retribuir o conhecimento que adquiri na academia através do Memória UESPI. Sou grata a esta instituição que há mais de 35 anos contribui para a formação universitária de tantas pessoas que acreditam e lutam pela educação pública.

O meu **muito obrigada** também vai para a Administração Superior, pelo empenho e contribuição no trabalho da série de reportagens. A equipe da Ascom/UESPI, local de idealização deste projeto e outros excelentes trabalhos para a universidade. Aos professores, alunos, técnicos, peças fundamentais na edificação deste livro. A minha família e amigos, por todo apoio na minha jornada.

Desde já agradeço a você leitor! Ao percorrer essas páginas, viaje de Norte a Sul do Piauí conhecendo pessoas, lugares e a nossa história.



Os 35 anos da Uespi: sobre os nomes e a força de nossa gente

Uma moça aparentando ter menos de 30 anos de idade e usando roupas e calçados simples, entregou o celular para uma amiga, colocou a bolsa de lado e se posicionou à direita do brasão da Universidade Estadual do Piauí, na entrada do campus Poeta Torquato Neto, em Teresina. Era uma manhã de sol forte, encadeando quem olhasse para o céu azulado e limpo de pleno junho.

Entre as mãos, ela segurava firme o diploma de graduação que acabara de receber e logo abriu um largo sorriso para a foto. Emocionada, arrumou o cabelo e pediu mais um clique. Queria que o momento fosse registrado do jeito mais bonito.

Da sala da reitoria assisti a esta cena às vésperas da comemoração dos 35 anos de existência da Universidade Estadual do Piauí. Eu havia assinado aquele diploma menos de uma hora antes da foto ser feita, e a cada vez que repito o gesto sinto que há mais um símbolo certificando publicamente o trabalho coletivo e significativo de uma grande equipe. Então o gesto se renova. É sempre diferente.

Impossível assistir a cena e não sentir a alegria do sorriso franco, a sensação de vitória e de conquista social e pessoal. Inevitável não se emocionar com a sua felicidade. Aquela moça tem um nome que a constituiu e a referenciou socialmente, antes mesmo do título que veio a receber em nossa instituição. Também tem uma história particular que se entrelaçou com a da Uespi. Nos perguntamos naquele instante como teria sido sua trajetória de vida, os desafios que enfrentou e como fizemos parte enquanto universidade. Seu nome, sua identidade, fortalezas e desafios, afinal, também são um pouco nossas. Isto é uma honra. Isto nos move e entusiasma rumo ao conhecimento da história que construímos como discentes, docentes, servidores, colaboradores e comunidade.

Por isso lançamos esta obra, que nos toma pelos olhos, mãos e coração e leva a conhecer ou reconhecer a caminhada da Uespi pelos meandros do tempo e dos lugares. Aqui tratamos da história e legados dos que tiveram seus nomes atribuídos aos campi da capital e interior e persistem nos inspirando, constituindo e significando para uma coletividade. E vamos além.

Torquato Neto, Clóvis Moura, Alexandre Alves de Oliveira, Possidônio Queiroz, Josefina Demis, Antônio Giovanni Alves de Sousa, Jesualdo Cavalcanti Barros, Dom José Vazquez Días, Antônio de Barros Araújo e Ariston Dias Lima foram transformadores, inconformados, que desafiaram as conjunturas em que viveram em prol da educação, cultura e liberdade de expressão e pensamento. Além destas, outras duas unidades receberam nomes como Heróis do Jenipapo e Cerrado do Alto do Parnaíba (ainda em discussão para atribuição oficial), em forma de homenagem à bravura e riqueza de nosso povo.

É possível pensar na nomeação de nossos campi pela perspectiva da convergência da representatividade destes expoentes da intelectualidade com a missão social da Uespi enquanto centro produtor e divulgador de conhecimento. No entanto, esta obra convida a avançar nesta ótica.

Ao menos 18 mil almas. Este é o número aproximado de pessoas que dão sentido à Universidade Estadual do Piauí na contemporaneidade, de modo presencial e via educação à distância. Temos 12 campi, nos cerrados, sertão, litoral, planícies e capital e uma geografia humana igualmente diversa e rica. Somos feitos de maiorias, minorias, pessoas socialmente vulneráveis ou não, gente de fora e de dentro do Piauí que tem em comum a convicção do poder transformador do ensino superior. Pluralidade, diversidade, acolhimento e liberdade aos mais diferentes modos de viver e pensar são realidades em nossa instituição. São, em última instância, nosso cotidiano e modo de ser.

Os nomes que batizaram nossos campi representam o acolhimento de tantos outros que são docentes, servidores, colaboradores desta casa, membros da comunidade que atingimos pela via da extensão universitária e principalmente dos discentes. Todos e todas, no passado e no presente, constituem a Uespi pela dádiva permanente da transformação que a educação traz. São, portanto, igualmente valorosos para esta IES.

O que disse até aqui é pouco, mas voltado a preparar o leitor e leitora, como quem envia um convite à visita sensível de parte de nossas trajetórias. Aceite o desafio que faço para além da assimilação imediata do tema. Permita este livro em outro patamar de expectativas logo ao encerramento da leitura de seu resumo, que vem a condensar de pronto o propósito e nos instigar a ir adiante. Siga, então, profundamente a história da Universidade Estadual do Piauí.

Esperamos que ao final da leitura fique em você uma emoção semelhante à moça que citei no início do texto. Que persiga a certeza que tanto o seu sorriso segurando o diploma quanto a própria UESPI brilham em nossas vidas como o sol daquela manhã feliz no campus Poeta Torquato Neto.

Prof. Dr. Evandro Alberto de Sousa
Reitor da Universidade Estadual do Piauí

SUMÁRIO



Introdução -----	05
Teresina	
Poeta Torquato Neto, o expoente de ideais -----	06
Clóvis Moura, o militante das relações raciais e sociais -----	09
Campo Maior	
Heróis do Jenipapo, as marcas da resistência -----	13
Piripiri	
Antônio Giovanni, o mestre de gerações -----	17
Parnaíba	
Alexandre Alves de Oliveira, o contador de memórias -----	21
Floriano	
Josefina Demes, a navegante das palavras -----	25
Oeiras	
Possidônio Queiroz, o amante das artes -----	29
Picos	
Antônio de Barros Araújo, o filho do sertão -----	33
São Raimundo Nonato	
Ariston Dias Lima, o mestre da oratória -----	37
Uruçuí	
Cerrado do Alto do Parnaíba, as riquezas do maior município do Piau -----	40
Bom Jesus	
Dom José Vazquez Díaz, o educador revolucionário -----	43
Corrente	
Jesualdo Cavalcanti Barros, o líder da educação -----	47



o Memória UESPI

conta as histórias dos nomes dados aos 12 campi da Universidade Estadual do Piauí nas cidades de Bom Jesus, Campo Maior, Corrente, Floriano, Oeiras, Parnaíba, Piriipiri, Picos, São Raimundo Nonato, Teresina e Uruçuí. O livro narra a vida de personalidades, momentos históricos e localidades que foram escolhidos para representar a essência de cada campus.

O projeto, originado de 12 reportagens publicadas no site da instituição, entre os anos de 2017 a 2019, é o resultado de pesquisas e entrevistas sobre legado de pessoas e fatos importantes para o Piauí no aspecto social, político, econômico e cultural.

Conheça as contribuições de poetas, professores, políticos, cientistas sociais, músicos e sacerdotes para a história do estado. Esta obra apresenta os escritos de Torquato Neto não publicados, os estudos sobre a atuação dos negros no Brasil de Clóvis Moura, o conflito que culminou com o processo de emancipação do país na Batalha do Jenipapo. O **Memória UESPI** também relata a história do professor de Piriipiri, Antônio Giovanni, que se dedicou 31 anos da vida a ensinar inúmeras gerações do município, a versatilidade do professor Alexandre Alves de Oliveira que se dedicou a fomentar o esporte na vida dos parnaibanos, além da história de Josefina Demes, a primeira mulher a conquistar um título superior na cidade de Floriano.

O pioneirismo também está na história de Possidônio Queiroz, filho da primeira capital do Piauí e berço musical no estado. A vida de Jesualdo Cavalcanti é narrada nesta obra e traz sua luta pela valorização da região do Gurguéia e suas contribuições na educação e política piauiense. Assim como a do professor Ariston Dias Lima que ao longo da vida exerceu múltiplos trabalhos e foi um considerado um grande representante em São Raimundo Nonato por ajudar os que mais precisavam. O crescimento da região Sul do Piauí contou também com a participação de um grande líder religioso, que neste livro é destacado como “Educador revolucionário”, por desenvolver a expansão da educação no município. Por fim, a obra narra o processo de escolha para o nome do campus de Uruçuí, maior município piauiense em extensão territorial e um dos maiores do Nordeste.

A preservação da memória é um passo importante para a formação de sua gente, que todos os piauienses possam encontrar no **Memória UESPI** informações que auxiliem na construção da história da universidade e do Piauí. Boa leitura!

Poeta Torquato Neto



Poeta Torquato Neto, o expoente de ideias

A concepção que temos de universidade é que ela é um centro de pensamento”, afirma o defensor público e poeta piauiense, Paulo Machado. Esta foi uma das primeiras percepções para a nomeação do Campus sede da Universidade Estadual do Piauí, que leva o nome de Poeta Torquato Neto. O artista é uma das grandes personalidades imortalizadas nos nomes dos campi da instituição distribuídos pelo Piauí.

O nome do Campus

A sede da UESPI em Teresina, criada em 1986 foi denominada de Pirajá, devido o nome do bairro onde o prédio está localizado. Em 2004, com 18 anos de existência, o campus recebeu o nome de Poeta Torquato Neto, que vigora até a atualidade. O poeta Paulo Machado integrou a equipe responsável pela criação do projeto de lei nº 5.391/2004, que designava a mais nova nomeação. Ele conta que, percebendo a falta de nomenclatura formalizada pelo governo do estado, o ex-deputado Olavo Rebelo, atual Presidente do Tribunal de Contas do Estado, propôs a nomeação em assembleia para Poeta Torquato Neto, motivado também pelo 60º aniversário de vida do poeta. No dia 14 de julho de 2004, a lei ordinária entrou em vigor como tributo e reconhecimento à memória do ícone da cultura brasileira, sancionada pelo Governador Wellington Dias.

No entanto, não foi uma lei apenas de nomeação. De acordo

com Paulo Machado, a elaboração do projeto de lei previa outras ações. “No artigo 2 da lei, existe uma previsão de que a reitoria da própria universidade tomaria a iniciativa de realizar, anualmente, no dia 9 de novembro, que é a data de nascimento do Torquato Neto, uma atividade cultural de caráter pedagógico”, explica. Machado relata que não havia nada mais justo do que nominar um centro de pensamento com alguém que tenha desenvolvido ideias.

O primo de Torquato e também curador do acervo do poeta em Teresina, o publicitário George Mendes, disse que o nome de Torquato associado a uma instituição de ensino superior como a UESPI, “é uma homenagem e reconhecimento de um mérito absolutamente justo e necessário”. Além de ser, para George Mendes, um nome do Piauí para o Brasil, “Torquato foi uma das expressões culturais e artísticas mais relevantes que o Piauí produziu, no século passado”, enfatiza.

Muito além de Poeta

O Campus sede da UESPI carrega o nome do homem que deixou uma obra que influencia e influenciou diversos segmentos de expressões artísticas. O grande artista brasileiro Torquato Neto nasceu no Piauí em 9 de novembro de 1944. Morou em Teresina da infância à adolescência, em uma casa no centro da cidade, com o pai Heli da Rocha Nunes e a mãe Maria Salomé da Cunha Araújo. Saiu do Piauí para estudar em Salvador, assim como muitos jovens daquela época. Depois

morou no Rio de Janeiro, cidade onde cursou jornalismo e filosofia, mas não se graduou. Trabalhou em jornais impressos, como o Correio da Manhã e o Sol. Na cidade carioca, viveu parte da vida casado com Ana Maria Duarte, companheira e mãe do único filho de Torquato, Thiago de Araújo Nunes.

George Mendes relata que mesmo com uma existência breve – o poeta faleceu aos 28 anos de idade – e uma produção construída em apenas 10 anos, Torquato deixou uma obra marcante. Para o primo, Torquato era multimídia. “Um artista que adotou diversas formas de expressão. Dentre elas a mais conhecida, a mais proclamada, exatamente a música popular”, afirmou. Além disso, os poemas de Torquato permitiram a adaptação de muitas composições musicais, como “Go Back”, musicada pela banda brasileira Titãs.

Paulo Machado destaca que Torquato, assim como outros poetas, foi um sujeito visceralmente comprometido com a cultura brasileira. “Ele não foi apenas um poeta. Ele foi o poeta, o letrista, o cancionista da música popular brasileira, mas não só. Foi também um jornalista, fazendo jornalismo cultural, um cineasta e um difusor de ideias que levaram à deflagração de um movimento cultural: a tropicália”, conta. A tropicália – movimento cultural brasileiro – foi um manifesto de música, literatura, artes plásticas e cênicas surgido em 1967, período da ditadura militar e composto por um grupo de artistas como Torquato Neto, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Tom Zé, Rogério Duprat,

Gal Costa, dentre outros. Machado reitera que o interesse de Torquato em nomear o movimento de Tropicália veio da inspiração da obra “Tropicália” do artista plástico Hélio Oiticica.

Na década de 70, Torquato escrevia para o jornalismo cultural. Um dos espaços onde o poeta “desafinou o coro dos contentes” foi na coluna Geleia Geral, do Jornal Última hora, do Rio de Janeiro. “Lá era a trincheira de resistência que ele abria, em função da arte, cultura, música, cinema, literatura. Porque os espaços desde aquele tempo eram muito reduzidos pra área cultural. Ele era um nome polêmico porque topava polemizar com os grandes. Ele lançava pessoas, dava espaço”, salienta o publicitário George Mendes.

A coluna Geleia Geral, que também é letra de uma canção do disco Tropicália, carregava um pouco do descontentamento do poeta com a produção cultural e com as produções cinematográficas da época. Torquato defendia o cinema marginal e o cinema experimental Super-8, cujas produções eram de baixo custo e de operação simples. Foi nessa época que ele se revelou um grande cineasta. No formato Super-8, dirigiu filmes como Terror da Vermelha, gravado em Teresina, e atuou como vampiro em Nosferatu, sob direção de Ivan Cardoso, e no filme Adão e Eva – do Paraíso ao Consumo, de Edmar Oliveira e Carlos Galvão.

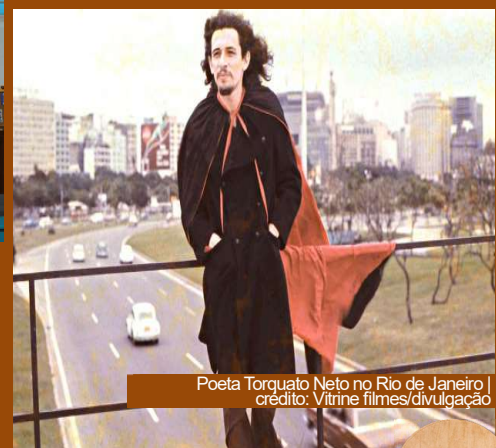
Produção Torquália

Torquato muito escreveu, mas nada publicou em vida. Suas crônicas, letras, poemas e cartas foram compiladas no livro póstumo “Últimos dias de Paupéria”, organizado por sua esposa Ana Maria Duarte e seu amigo Wally Salomão e publicado em 1982. George Mendes recebeu em 2010 os escritos que ainda existiam do poeta no Rio de Janeiro. Em 2012, lançou poemas inéditos reunidos em duas obras: “O fato e a coisa”, que Torquato já havia organizado; e “Juvenílias”, editado posterior-



Publicitário George Mendes, curador do acervo de Torquato

Paulo Machado com a segunda edição da revista Pulsar, periódico publicado pela primeira vez no Brasil o poema “A explicação do fato”, de Torquato Neto.



Poeta Torquato Neto no Rio de Janeiro | crédito: Vitrine filmes/divulgação

mente por Mendes. “A obra do Torquato, quantitativamente, sob todos os aspectos, é muito reduzida. São poucos títulos. Ele não teve esse tempo para escrever tanto assim. Mas, ao mesmo tempo, a obra se tornou importante e de grande qualidade. De certa forma esse reconhecimento veio de uma forma muito maior, muito mais avassaladora, depois da própria morte dele”, avalia George Mendes.

Poemas inéditos de Torquato foram publicados em Teresina pelos membros da Geração Pós-69, da qual o poeta Paulo Machado fez parte. Na década de 90, Machado compôs a comissão editorial da Revista Pulsar, veiculada de 1998 a 2003, em Teresina. Na segunda edição da revista, ele contou que o poema “A explicação do fato” foi publicado pela primeira vez no Brasil. Machado lembra também que, entre 1976 e 1977, o jornal alternativo Chapada do Corisco, periódico veiculado mensalmente na capital piauiense, reproduziu dois poemas inéditos de Torquato Neto.

Os Torquatianos

A história de vida de Torquato é inspiração de estudo de muitas pessoas. Duas biografias foram publicadas sobre o poeta, a do curitibano Toninho Vaz “Pra mim chega”, lançada em 2003; e do piauiense Kenard Kruehl “Torquato Neto ou a Carne Seca é servida”, lançada em 2008. Na UESPI, a obra de Torquato é amplamente pesquisada.

No mesmo ano em que a

universidade homenageou o poeta com o nome do campus, a dissertação de mestrado “A escritura de Torquato Neto” foi publicada em livro, pelo Prof Dr. Feliciano Bezerra, docente do curso de Licenciatura em Letras da Universidade. A pesquisa ressalta que a linguagem artística do poeta era “marcadamente plural, convergente com a música popular brasileira, com o jornalismo cultural e o cinema experimental”, descreve o pesquisador.

Memória da cultura brasileira e da UESPI

A coragem e a ousadia de Torquato, como define o primo George Mendes, atribui protagonismo cultural e artístico ao ícone piauiense, que merece sempre ser reverenciado, principalmente pelo espaço acadêmico. “Ele não foi cantor das multidões. Ele não foi um músico conhecido. Mas ele foi uma personalidade. Era importante, era interessante prestar atenção no que o Torquato andava dizendo, o que o Torquato andava falando”, pondera Mendes.

Paulo Machado enfatiza que Torquato Neto merece ser lembrado e homenageado. “Dando um nome de uma rua, talvez. O nome de uma praça, talvez. Mas, mais importante do que isso, é nomear um centro de inteligência”, finaliza o poeta, fazendo referência a homenagem dada a Torquato Neto pela Universidade Estadual do Piauí.

Clóvis Moura



Clóvis Moura, o militante das relações raciais e sociais

Clóvis Moura foi um estudioso nato das relações de conflitos, com ênfase em conceitos como classes, economia, cidadania e política. Ele é mais uma personalidade imortalizada pela instituição, que contribuiu ricamente com a história do Brasil, em defesa de negros, índios, camponeses e outras classes sociais.

Nome do Campus

A região do Grande Dirceu, maior bairro da capital Teresinense, recebeu em 2001 o campus da Universidade Estadual do Piauí. O prédio foi intitulado inicialmente de Campus da Região Sudeste, através do decreto N° 10.690/2001. Em 2005, a Assembleia Legislativa aprovou o projeto de lei de nova denominação para o campus. Foi então que passou a ser chamado de Campus Clóvis Moura, em reconhecimento e homenagem ao escritor e historiador piauiense, natural da cidade de Amarante-PI.

O ex-deputado Olavo Rebelo o proponente da Lei Estadual nº. 5.451, de 24 de maio de 2005, que oficializou o nome do Campus localizado no Dirceu. Foi dele também a autoria do projeto de lei para o nome do Campus Poeta Torquato Neto. O projeto de nomeação também determina que sejam feitas atividades de comemoração, no dia 10 de junho, em referência à data de nascimento do autor. O integrante da equipe

do projeto de nomeação, o poeta Paulo Machado, recorda que essa proposição se deu em virtude da importância de Clóvis Moura, por ele ser um grande intelectual brasileiro, nordestino e piauiense com uma impactante produção.

Paulo Machado conta que Clóvis se dedicou ao magistério superior, à atividade de pesquisa e à produção de textos. “Ele fez uma revisão da história da raça negra no Brasil”, afirma. O poeta lembra ainda que Clóvis Moura escreveu um livro que se tornou clássico, chamado “Rebeliões na senzala” (1959). Clóvis Moura, além de historiador e escritor, era sociólogo, cientista social, militante das causas sociais, jornalista e poeta. Teve como legado histórico muitos estudos sobre a atuação do negro na sociedade brasileira, além de pesquisas que apresentaram as condições dos movimentos sociais brasileiros.

Clóvis Moura: História e Origens

O segundo filho de Francisco de Assis Moura e Elvira Steiger de Magalhães Moura, irmão de Carlos de Assis Moura e de Maria do Rosário Moura da Cunha, nasceu em Amarante, Piauí, em 1925, e faleceu em dezembro de 2003, em São Paulo, aos 77 anos. Clóvis Steiger de Assis Moura pertencia a uma família de classe média e racialmente mista, cujos pais eram descendentes de fazendeiros maranhenses e baianos. O pai era de família afrodescendente, enquanto a mãe tinha linhagem europeia. Clóvis Moura viveu no seio de uma família que lhe proporcionou uma vasta for-

mação intelectual.

O professor doutor Pedro Pio Fontineles Filho, do curso de Licenciatura em História da UES-PI, tem se dedicado a pesquisar a vida e a obra de Clóvis Moura. Ele conta que em meados de 1935, a família de Clóvis Moura mudou-se do Piauí para Natal, no Rio Grande do Norte. Nesse período, Moura, já com 10 anos de idade, estudava no Colégio Diocesano Santo Antônio (futuro colégio Marista). “Lá, ele atuou na criação do Grêmio Cívico-Literário 12 de outubro e do jornal O Potiguar, espaços nos quais deu seus primeiros passos na escrita e na reflexão sobre temas sociais e históricos”, acrescenta o estudioso. Em 1941, a família muda-se para Bahia. O docente destaca que foi o lugar onde Clóvis conheceu e se aproximou da literatura, história e política. Período também em que o escritor se alinhou ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), através do movimento literário e cultural Academia dos Rebeldes, que tinha como membros os escritores Jorge Amado e Édison Carneiro.

No decorrer dos anos, por volta das décadas de 1940 e 1950, Clóvis Moura estabeleceu contato intelectual com o historiador Caio Prado Júnior. O Professor Fontineles ressalta que nessa relação de pensamentos políticos e econômicos entre os dois historiadores havia muitas convergências e também divergências de opiniões e estudos, em referência à leitura que faziam do desenvolvimento da sociedade brasileira daquela época. “Segundo sua filha, a historiadora Soraya Silva Moura, a relação de Clóvis Moura com os círculos literários soter-

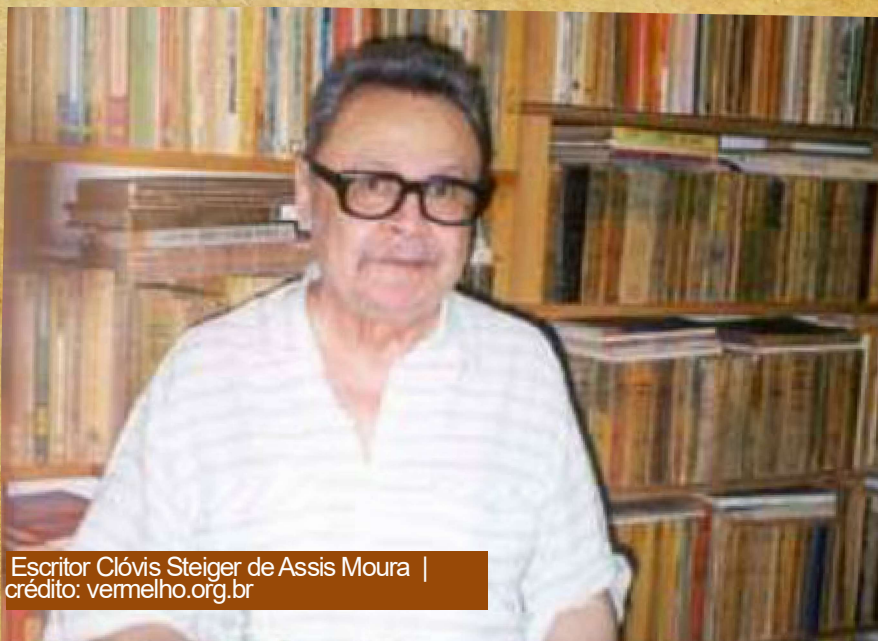
politano foi fundamental para o seu engajamento político”, afirma o professor.

Militância em defesa dos socialmente excluídos

Clóvis Moura era engajado nos espaços literários e partidos políticos, e militava em defesa da liberdade e da democracia. “Ele fez força às bandeiras dos grupos históricos e socialmente excluídos, como negros, índios, camponeses e pobres de maneira geral”, expõe o professor Fontineles. De acordo com o docente, em 1947, Moura se candidata a deputado estadual pela legenda do Partido Socialista Brasileiro (PSB) baiano, e foi eleito. Mas teve a candidatura cassada pelo Tribunal Eleitoral, por conta de manobras políticas de outros partidos, segundo um artigo do professor de História da Unicamp, Diorge Konrad.

Em mais uma mudança de cidade, São Paulo se torna a nova moradia de Clóvis Moura. Lá, ele reforça os contatos com os círculos literários e com o jornalismo. O professor Fontineles destaca que, na cidade paulista, Moura atua como redator de importantes jornais e reforça alianças políticas do PCB. Após três anos da chegada de Moura em São Paulo, em 1962, ele rompe com o PCB, e se aproxima do grupo que refundaria o PCdoB. Nessa época, Moura funda a Revista Flama, onde expôs críticas políticas. Por conta disso, passa a ser vigiado pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). “No pós-64, mudou-se para o interior de São Paulo, onde atuou em outros jornais, sempre expondo seu olhar para a política e a sociedade”, relata Fontineles.

Clóvis Moura foi um homem de definições políticas e de ideologia forte. Socialista e marxista radical, teve uma vida dedicada a estudos e reflexões críticas do que muito se escreveu na historiografia brasileira sobre as classes operárias, os negros e os camponeses. “Isso é perceptível em suas críticas feitas ao



trabalho de Gilberto Freyre, pois, para Clóvis Moura, aquele sociólogo teria negado a existência de luta de classes na relação entre o negro escravo e o proprietário de escravos. Gilberto Freyre teria “romantizado” tal relação, falando de forma suave de conflitos ou acomodações culturais”, explicou o Pedro Fontineles. Dessa forma, o escritor externava, através de um prisma sociológico, os debates sobre o racismo.

Fontineles destaca que Moura atribuiu, em território brasileiro, novos contornos ao pensamento marxista. “O seu pensamento sociológico, embora esteja presente em todos os seus livros, fica mais latente e evidente nos livros Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha (1964), Sociologia de la Praxis (1976), A Sociologia posta em questão (1978), Sacco e Vanzetti (1979), Sociologia do Negro no Brasil (1988) e Sociologia Política da Guerra Camponesa de Canudos (2000)”, elenca o professor.

Ele ressalta que Moura “buscou compreensões e entendimentos de questões passadas e presentes, fazendo análises comparativas de temporalidades diferentes, mas com similaridades temáticas”. O professor cita como exemplo as reflexões que Moura

fez sobre o Movimento dos Sem Terra (MST). Em uma análise de Moura, o MST é associado à Guerra dos Canudos – que foi um confronto entre um movimento sócio-religioso e o Exército da República (1896-1897) na comunidade dos Canudos, interior da Bahia – no que diz respeito às diferentes estratégias de manutenção do poder por parte das elites latifundiárias.

Produções históricas, sociológicas e literárias do “pensador Quilombola”

Clóvis Moura, sendo um dos principais intelectuais negros da História do Brasil, tem um trabalho direcionado ao papel dos negros no desenvolvimento da sociedade que transita entre história, literatura e sociologia. O professor Fontineles ressalta que a história dos quilombos só teve produção sistematizada efetivamente a partir da publicação do livro de Moura, Rebeliões da Senzala. Para Clóvis Moura, a História dos períodos Colonial e Imperial deve ser entendida simplesmente como “História do Brasil escravista”.

O docente destaca que as formas de resistência dos negros, no tocante às lutas e guer-

ras, eram formuladas nos livros de Moura com o objetivo de mostrar como os negros arquitetavam derrotar militarmente os senhores de escravos. “Eles traçam planos e estratégias de ataques bem articulados. Seus conhecimentos de guerra e luta vieram de suas tradições africanas”, conta Fontineles. O autor também descreveu, em livros, as formas de resistência dos negros como o suicídio, o aborto, a fuga e o banzo (termo usado pelos africanos na época da escravidão, para representar saudade da terra de origem), para relatar a história vivida pelos negros nas senzalas e quilombos.

Em obras como *Quilombos e a Rebelião negra* (1981) e *Quilombos: resistência ao escravismo* (1987), Clóvis Moura trabalha diferentes formas de resistência. O *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*, publicado em 2004, um ano após a morte de Clóvis Moura, o autor descre-

ve formas de resistência dos negros de forma didático-conceitual. O dicionário contém uma série de verbetes sobre conceitos e expressões de práticas, instrumentos, ações, cultura, política e economia da escravidão negra no Brasil.

A produção literária de Clóvis Moura, apesar de não ter sido tão extensa quanto a sociológica e histórica, é significativa, porque traz discussões estéticas da literatura e traços biográficos do autor. “Moura dedica muitos poemas para homenagear sua terra natal, falando de sua infância em Amarante e cantando o Rio Parnaíba”, conta Fontineles. As poesias de Moura são compiladas nos livros: *Espantinho na feira* (1961), *Argila da memória* (1964), *Âncora do Planalto* (1964), *Manequins Corcundas* (1977). *Flauta de Argila* (1992) e *Bahia de todos os homens* (1997).

Para Fontineles, a poe-

sia de Clóvis Moura não é só de contemplação ou de homenagem, mas, também, de denúncia e crítica. “Ele deixou um legado para estudiosos, pensadores e pesquisadores, no sentido de que não se pode apenas ‘pensar’, mas, sim, é preciso ‘atuar’, aplicando as teorias sociais e históricas de tal maneira que as desigualdades entre as classes, de diferentes matrizes, sejam combatidas e superadas”, argumenta.

Clóvis Moura é um dos grandes piauienses imortalizado pela UESPI. “Não tem como pensar o racismo no país sem pensar e compreender a história da escravidão”, finaliza o professor Fontineles, mencionando a importância de Clóvis Moura para se compreender a história dos negros no país, da escravidão e da luta de um povo sofrido e guerreiro que, até os dias atuais, busca espaço em uma sociedade cheia de exclusões e preconceitos.



O Livro “Rebeliões da Senzala” é um dos clássicos de Clóvis Moura e teve sua primeira edição lançada em 1959

Heróis do Jenipapo



Heróis do Jenipapo, as marcas da resistência

Às margens do Rio Jenipapo, do dia 13 de março de 1823, a cidade de Campo Maior viveu uma das batalhas mais sangrentas da história do Brasil.

O conflito, que culminou com o processo de emancipação do país, reuniu piauienses, maranhenses e cearenses, liderados por Luís Rodrigues Chaves, João da Costa Alecrim, Salvador Cardoso de Oliveira, Alexandre Nery Pereira Nereu, Pedro Francisco Martins e Simplício José da Silva, para lutar contra as tropas armadas de Portugal, comandadas pelo Major José da Cunha Fidié.

A luta se consagrou como a Batalha do Jenipapo, e até hoje é lembrada pela população como um ato de coragem, por parte daqueles que lutaram com facões, machados e porretes e morreram em defesa da liberdade do Piauí. Passou a ser símbolo da identidade dos campo-maiorenses e, como homenagem, nomes que fazem referência à batalha estão em ruas, prédios públicos, monumentos e no campus da Universidade Estadual do Piauí.

O nome do Campus

Quem sai de Teresina rumo ao litoral, pela BR 343, mesmo não entrando em Campo Maior, inevitavelmente recebe as boas-vindas do Campus Heróis do Jenipapo, localizado na entrada da cidade, próximo ao posto da Polícia Rodoviária Federal. Um prédio ostentoso, como define a Professora Doutora do curso de História do campus, Iraneide Silva. De acordo com a docente, a UESPI chegou em Campo Maior em 1984, sendo instalada no prédio que antes funcionava

o Quartel do Exército Brasileiro, e que por alguns anos funcionou como Centro de Treinamento para professores da Secretaria de Educação.

No entanto, só em 03 de julho de 1993 iniciaram-se efetivamente os primeiros cursos. Ao longo de 10 anos, o campus ficou conhecido como “UESPI de Campo Maior”. Em 11 de dezembro de 2003, passa a ser chamado de “Campus Heróis do Jenipapo”, através da Lei Estadual nº5.358/2003, de autoria do Deputado Estadual João de Deus. Paulo José da Silva Lopes, que trabalha no local há mais de 30 anos e é colaborador do campus desde que foi instituído, lembra que vários nomes foram expostos para consulta e aprovação da comunidade acadêmica na época. “Aqui era só campus de Campo Maior. Então, quando foi colocado esse nome [Heróis do Jenipapo] todo mundo aprovou, já que foi dado em homenagem a Campo Maior, à Batalha do Jenipapo, ao acontecimento que houve na época”, relata.

Uma viagem pelo passado

A história do campus se relaciona com a cidade e com a batalha. Segundo a professora Iraneide Silva, consta nos registros do Arquivo Público do Piauí que a freguesia de Campo Maior foi criada por efeito da Carta Régia de 19 de junho de 1761. “Já o jurista campo-maiorense Valdivino Tito afirma que a vila foi instalada em 8 de agosto de 1792, e na ‘cronologia histórica’ de Pereira Costa consta a data de 8 de novembro do referido ano”, conta.

Mesmo com a imprecisão de datas oficiais de instalação da vila, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informam que a instalação da vila foi presidida pelo Governador da Capitania do Piauí, João Pereira Caldas e assistida por Francisco Marcelino de Gouvêa e pelo Conselheiro Ultramarino e Ouvidor Geral do Piauí, Luís Duarte Freire.

A Vila de Campo Maior, que foi elevada à categoria de cidade em 28 de dezembro de 1899, por meio do Decreto nº1, já possuía um prédio da universidade neste período. “Mas a cidade cresceu e, junto dela, a necessidade de formação de sua gente e a UESPI surge dessa demanda”, disse a professora Iraneide. Segundo a professora, em 1988 o Poder Executivo do Estado ofertou condições de instalação e regulamentação para a UESPI funcionar como Centro de Ensino Superior (CESP). Já em 1991, o então Presidente da República, Itamar Franco, decretou o funcionamento da instituição como estrutura multicampi, com sede em Teresina, com o campus Poeta Torquato Neto. “Desde esse momento, a instituição passou por uma fase de ajustamento, com um processo contínuo de interiorização e de ampliação dos cursos oferecidos”, destaca.

Os primeiros campi da UESPI nas cidades no interior do estado foram em Corrente, Floriano, Parnaíba e Picos, todos instalados por Decreto Federal. A professora ressalta que, no ano de 1995, foi aprovado um novo Estatuto para a criação da Fundação Universidade Estadual do Piauí (FUESPI). Instalou-se então

o campus de São Raimundo Nonato. A partir de então, os demais campi permanentes foram criados ou oficializados com a aprovação do estatuto, como o campus de Campo Maior.

Os heróis e heroínas do Jenipapo

O colaborador Paulo Lopes, que acompanhou a chegada da UESPI na cidade, frisa que o campus é de extrema importância para a região, principalmente, para as pessoas da zona rural. Segundo ele, estudam na IES pessoas de Castelo, Juazeiro, São Miguel do Tapuio, Cocal de Telha, Nazaré, Boqueirão, Barras e Cabeceira. “Eu entrei aqui quando tinha 27 anos, hoje tenho 60. Metade da minha vida é aqui dentro. Então, eu vi muita coisa se passar e muita gente se formar”, afirma. Para ele, o estudante da UESPI de Campo Maior tem um perfil muito semelhante com o nome do campus. São guerreiros e lutadores, assim como os heróis da batalha. Também carregam o propósito de libertação dos campo-maiorenses de 1823. “Eles são uns heróis, se manifestam como uns heróis”, afirma contente.

A professora Iraneide Silva frisa que muitos sonhos foram realizados na UESPI de Campo Maior. “As formaturas daqui são verdadeiras festas para a cidade, e motivo de orgulho para muitas famílias”, comenta. Quem pôde sentir toda essa emoção um dia foi a egressa do curso de História e atual servidora de Campo Maior, Pauliana Maria de Jesus. De 2009 a 2012 estudou no campus, e hoje pode afirmar com propriedade que o nome dado ao campus representa muito que ela viveu. “É um nome ideal porque representa a luta. Nós, alunos, conseguimos passar no vestibular. Eu estudei muito, e pra mim foi uma grande realização, fazer um curso que eu sempre me identifiquei. Ele também representa certa realidade de Campo Maior, porque o campo-maiorense é um povo guerreiro e lutador. Nós também temos esse ideal, já passa no vestibular,



Pintura da batalha do Jenipapo Crédito: divulgação/reprodução

com a concorrência grande, e sai graduado no curso que sonhou cursar”, declara.

Pauliana segue a luta no Mestrado em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí, mas, antes de sair da UESPI como estudante, deixou seu legado com a produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a Batalha do Jenipapo. A egressa escreveu a monografia intitulada Polifonia sobre um campo de batalha: a construção de uma memória social, um trabalho sobre as pessoas que morreram na batalha, os heróis anônimos.

Memória social da Batalha

De acordo com Pauliana o tema escolhido para o TCC foi justamente para entender o fato ocorrido em 1823, que na independência do Brasil era bastante evidente, e muito presente na sociedade campo-maiorense. “Existem muitos prédios, muitas ruas, principalmente, prédios públicos. Nós vemos, então, que esse fato passado está no presente e as que pessoas dão importância a isso”, argumenta.

A palavra polifonia refere-se aos discursos em torno da batalha. “São vários discursos que se tem sobre esse fato, relativos à história oral, que vão passando de geração em geração pelos fa-

miliares. Eu fiz várias entrevistas, com várias pessoas que vivem ali no Alto do Meio, em Campo Maior. Busquei saber o que a memória sobre a batalha representava para essas pessoas e qual a importância dela não só para independência do território, mas também para Brasil”, declara.

Segundo a pesquisadora, no dia 13 de março de 1823, ocorreu uma batalha sangrenta onde muitas pessoas morreram. “Os anônimos se tornaram muitos reverenciados pela população e pelos discursos políticos. Existe uma lei municipal que determina que esse dia é feriado na cidade. É uma data muito reverenciada e importante para a cidade e para a memória. Como também o culto aos mortos, através dos ex-votos das pessoas que pagam promessas lá no monumento da Batalha. Então, eu vejo isso como uma memória muito forte, presente e viva”, relata.

Ela conta que as pessoas começaram a cultuar os anônimos que lutaram porque quando eles morreram não foram identificados. “Muitos foram só jogados, ou levados, e a gente não sabe se eram 200 ou 400. A gente não sabe ao certo a quantidade. Muitos permaneceram anônimos. Por isso, as pessoas vão lá reverenciar em torno das almas do batalhão. Elas dão uma importância



O monumento da Batalha do Jenipapo é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



O primeiro monumento da Batalha é um obelisco erguido no cemitério dos mortos, local que atualmente é santuário de devoção popular



Colaborador Paulo Silva em frente a fachada da UESPI de Campo Maior



Professora doutora do curso de História, Iraneide Silva



Aluna egressa e servidora da UESPI de Campo Maior, Pauliana de Jesus

tão grande a isso que se criou essa relação de fé e também com a religiosidade popular”, disse.

Dentre os vários discursos construídos, há também a memória social por parte da elite política. “As pessoas que morreram foram incitadas a ir pra batalha, mas não sabiam nem o significado de liberdade, o que era independência. Em determinado momento houve tipo uma apropriação, principalmente, da elite política local”, salienta. Segundo ela, chamaram pessoas simples e incitaram a ir para a guerra sem armamentos fortes, como os militares de Fidié tinham. A população lutou com as armas e a coragem que tinham.

Para ela, uma forma de adquirir reconhecimento e certo prestígio por parte da elite política, os discursos se voltam para as festas cívicas celebradas no 13 de março, para dar relevância sobre a importância do Piauí no cenário de independência do país. “Além de instituírem o 13 de março como um feriado municipal, a data foi colocada na bandeira do Piauí, em 2005, após a aprovação da Assembleia Legislativa do Estado. Vemos como eles reverenciam esses heróis. É uma forma de buscar reconhecimento, mas

há também uma disputa de memória de datas mais importantes. Por exemplo, o dia de 19 de outubro de 1822, que é o dia do Piauí, marca a proclamação da independência, mas nesse dia só foi proclamada. A batalha aconteceu mesmo no dia 13 de março e ainda não existia um reconhecimento por parte do Piauí”, comenta. Segundo ela, a população campo-maiorense acredita que o dia 13 é que deveria ser o dia do Piauí, porque foi um fato muito importante para história.

Povo guerreiro, lutador e orgulhoso

Para homenagear as pessoas que lutaram na Batalha do Jenipapo, em 1973 foi criado um monumento na cidade de Campo Maior, no governo de Alberto Tavares Silva. De acordo com Paulo Silva, o monumento é muito frequentado, principalmente em 13 de março. “A maioria volta lá, frequenta lá. Fazendo aquele gesto de amor à cidade, ao que aconteceu. Uns se rebelando, outros em contato com os fatos acontecidos”, comenta.

A professora Iraneide Silva destaca que a batalha e a

repercussão nacional compõem a história e memória social da cidade de Campo Maior. “Para a população é motivo de orgulho ter esse episódio na história deles. São histórias que são narradas por todos. Não tem quem seja de Campo Maior ou regiões adjacentes que não tenha uma história para contar sobre a Batalha, que não tenha na memória os feitos dos ‘Heróis do Jenipapo’”, pontua.

Pauliana lembra que os campo-maiorenses não ganharam a batalha oficialmente. “A gente perdeu, porque muitos morreram. Mas de qualquer forma fomos vitoriosos porque os campo-maiorenses atrapalharam os planos dos portugueses, atrasaram Fidié, que foi encurralado lá no Maranhão”, afirma. Por isso não se consideram perdedores ou derrotados. “Fomos vencedores porque nós lutamos e o que as pessoas carregam é essa questão do ideal, do povo guerreiro, lutador e corajoso. A gente se caracteriza muito com isso, principalmente os estudantes do campus Heróis do Jenipapo que se sentem honrados em ter esse nome no lugar que estudam”, finaliza.

Antônio Giovanni



Antônio Giovanni, o mestre de gerações

Professor Antônio
Giovanni Alves de Sousa



Durante 31 anos de vida, Antônio Giovanni dedicou-se a educar e ensinar inúmeras gerações em Piripiri. Conhecido como um professor muito criterioso, competente e inspirador, Giovanni era detentor de um conhecimento enciclopédico. Um mestre de gerações, homenageado pela primeira instituição pública de ensino superior do município.

O nome do Campus

O campus da instituição em Piripiri foi criado em 1995, durante um período de grande expansão e interiorização dos campi no estado do Piauí. A UESPI foi a responsável por levar o primeiro centro universitário para a região. Mesmo com a oficialização da criação do campus na época, através de estatuto interno, um núcleo da instituição já funcionava, desde 1993, no prédio atual, onde eram ofertados cursos em período especial para formação de professores. A primeira oferta de cursos regulares ocorreu em 1997 e o campus realizou seu primeiro vestibular um ano depois. Desde a origem do campus, o prédio era chamado pela comunidade acadêmica de “Campus Piripiri”. Foi somente em 2005

que ele passou a receber a nova nomenclatura de “Professor Antônio Giovanni Alves de Sousa”, proposta pelo Deputado Marden Menezes, por meio do projeto de lei nº 5.500/05.

É importante frisar que no projeto de lei, segundo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado pela egressa do curso de pedagogia da universidade em 2015, Beatriz de Sousa Alves, a grafia do nome é diferente da escrita do nome do homenageado, presente em documentos e registros dele. No projeto está escrito “Geovanne”, e na pesquisa de TCC, surge também outra escrita para o nome, o “Giovanne”.

Segundo a autora da pesquisa, a variação da grafia justifica-se por ser diferente da usualmente utilizada na região, mas destaca ser “Giovanne” o nome correto por ser o mais encontrado em documentos oficiais da universidade e na placa fixada no campus. No entanto, segundo os familiares do homenageado, por ser de origem italiana, o nome e a escrita correta é “Giovanni”. Embora a existência de distinções na escrita do nome, isto não interferem na história de vida do professor Giovanni e na homenagem prestada pela universidade.

A irmã do homenageado, Adalgisa Alves de Sousa, externa a satisfação pela instituição prestar o reconhecimento ao trabalho feito pelo irmão em Piripiri. “Eu achei uma homenagem justíssima, era isso que faltava na vida dele”, declara. O sobrinho, Helder Ferreira de Sousa ressalta que o tio foi alguém que se dedicou a carreira e a formação para educação em Piripiri. “Uma pessoa

muito querida por todos”, enfatiza. Segundo ele, a reverência por parte da instituição, que há mais 30 anos forma pessoas de Piripiri e região, é muito justa.

O mestre das letras

Giovanni era o quarto filho de 13 irmãos, filho do marceneiro, Antônio Alves de Sousa Sobrinho e da dona-de-casa, Oscila Laurindo Alves. Nasceu em 20 de setembro de 1940 e faleceu em 15 de novembro de 2004, aos 71 anos. Pertenceu a uma família numerosa e humilde, a irmã mais velha de Giovanni, Adalgisa Sousa, lembra que mesmo com as dificuldades da época, o irmão era muito dedicado aos estudos. “Ele era o primeiro da turma e tirava sempre o primeiro lugar nas provas. Mas era muito simples e muito apegado à família”, afirma.

Na infância, já mostrava vocação para atividade docente e as letras. A primeira escola do futuro professor foi o grupo escolar Cassiana Rocha, onde Giovanni estudou as primeiras séries do primário. Segundo a irmã, depois ele foi estudar em Parnaíba no seminário, e posteriormente em Teresina. “Ele tinha vocação para ser padre, mas não chegou a se ordenar mesmo tendo muita vontade. Nesse tempo, o pessoal aqui de Piripiri ajudava muito para ele poder se manter no Seminário”, recorda.

Adalgisa também conta que quando Giovanni residiu em Teresina, estudou no Liceu Piauiense, e concluiu os estudos no seminário Franciscano de Santo Antônio, em Ipuarana, Campina Grande, na Paraíba. O amigo e

ex-aluno de Giovanni, o professor Luiz Mario Getirana, conta que entre os anos de 61 e 63, o professor concluiu os três anos, que eram chamados de ensino médio clássico, em que se cursavam as disciplinas de filosofia e teologia voltadas para formação. Depois, Giovanni se mudou para Sinharrém, no Pernambuco. “Lá parece que ele passou um ano, desistiu e foi embora”, lembra Luiz Getirana.

Caminhos da docência

Segundo Luiz Getirana, no seminário Giovanni estudou a filosofia Franciscana e adquiriu um vasto conhecimento em muitas línguas, principalmente, o latim. “Mas ele tinha noções de francês, inglês, grego e alemão também”, acrescenta. Ele deixa o seminário por volta de 1964, e vai a São Luís-MA fazer uma etapa do curso de férias da Campanha de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento do Ensino Secundário (CADES), na área de língua portuguesa. No retorno para Teresina, faz a outra etapa entre 1966 e 1967, que lhe garantiu o registro de professor pelo Ministério de Educação (Mec), do decreto de nº 49.751 do dia 18.07.1968.

Luiz Mário também conta que um dos primeiros lugares que Giovanni lecionou foi em Bacabal, no Maranhão, no Colégio Nossa Senhora dos Anjos. “Mas lá foi pouco tempo. O motivo de ele lecionar em Bacabal é porque a província dos Franciscanos do Maranhão e do Piauí é lá. Então, ele foi dá satisfação de que tinha desistido do seminário e começou a trabalhar como professor”, explica.

“Quando Giovanni residiu em São Luís, conheceu o amigo Antônio Alves Monteiro, com quem estudou por alguns anos”, conta Getirana. Ele relata que em uma carta que recebeu de Monteiro dizia que Giovanni externou ter muita vontade de se dedicar à educação de Piri-piri e à família. “Também por conta das circunstâncias da época, o Giovanni não pôde se dedicar à formação superior. Aí ele retornou a Piri-piri”, dis-

se o amigo, Luiz Getirana.

De acordo com Getirana, no retorno à cidade natal ele entrou para rede estadual de ensino pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Piauí (Secduc) como professor médio provisório. Em um artigo publicado na revista piauiense De repente (2012), texto de autoria de Antônio Alves Monteiro, é detalhado o período de atuação de Giovanni em muitas escolas.

Segundo o artigo, Giovanni foi docente das disciplinas de letras português e francês, lecionando nas escolas José Narciso da Rocha Filho (1965-1977), na Unidade Escolar Aderson Alves Ferreira (1978-1986), no Patronado Santa Catarina Labouré (1986-1989), e na Unidade Escolar Embaixador Expedito Rezende (1990-1995).

Foram 31 anos dedicados à educação, se aposentando no ano de 1996. Durante todo esse tempo, Giovanni não restringia o seu conhecimento apenas as escolas que trabalhava, também dava aulas particulares e ajudava na revisão de textos de muitas pessoas. Getirana destaca que os comunicados e avisos do sindicato de professores de Piri-piri eram redigidos por Giovanni. “Participou do antigo Apepi Sindicato, que hoje é o SINTE-PI (Sindicatos do Professores). Naquela época, não existia, mas ele já fazia movimentos também, quando a gente era professor, em 89, 90”, memora.

De acordo com o sobrinho, Helder Sousa, o tio também era o revisor dos jornais de Piri-piri. “Era interessante também porque as pessoas o procuravam para redigir discursos e comunicados para a população”, disse. O sobrinho também revelou outras habilidades de Giovanni. “Meu tio gostava de pintar e de escrever poesias. Ele pintava bem, desenhava bem, mas não era o foco”, conta. Getirana ainda ressalta que ele revisava tudo em Piri-piri. “O lado poeta dele é que era muito retraído, não era de querer se

mostrar, de querer badalação”, enfatiza. Mas deixou alguns poemas que também foram publicados na edição 114 da revista De repente.

Educador de gerações

Giovanni foi professor de muitas gerações, ficou conhecido pelo jeito respeitoso, competente e rígido ao ensinar gramática. Helder Sousa e Helisa Sousa, sobrinhos de Giovanni, foram alunos dele e, lembram, com muito carinho do tio, no trato com a educação. “Ele era um ótimo professor, porque ele aliava o conhecimento de uma disciplina mais ou menos rígida, com assuntos da atualidade”, salienta Helder.

Segundo o sobrinho, o professor Giovanni não era de incomodar ninguém, mas cobrava bastante o conteúdo que passava em aula. “Ele sempre exigia das pessoas, e as pessoas respondiam, porque estavam diante de alguém que conhecia bastante o que ensinava”, recorda.

A sobrinha Helisa conta que o tio era muito atualizado. “Tinha uma biblioteca enorme, com muitos livros, alguns nem eram facilmente encontrados em outros lugares. Livros que até em Teresina não tinha”, diz.

Luiz Getirana acrescenta que Giovanni tinha o embasamento cultural aguçado. “Se tinha uma coisa que não se falava naquela época no meio educacional era a palavra interdisciplinaridade, mas o Giovanni já fazia isso muito bem, ele dava aulas de português e gramática com vários contextos de mundo”, salienta.

O legado da educação

Das muitas heranças que os filhos de Piri-piri deixam, uma delas é a educação. Giovanni influenciou nos caminhos dos sobrinhos, do amigo Luiz Getirana e da atual professora Bárbara Olímpia Ramos de Melo. A formação humanística que proporcionou aos

alunos, fez deles pessoas inspiradas e focadas na área educacional.

Luiz foi professor de História e é atualmente Gerente Regional de Educação de Piri-piri. Ele conta que no tempo em que foi aluno de Giovanni, as cobranças eram muitas em relação as notas. “Tinha prova escrita de português e a prova oral, e ainda tinha a redação”, lembra. Os dois se tornaram professores e trabalharam juntos nas escolas José Narciso e no Adésio Ferreira.

O sobrinho Hélder seguiu também o caminho da docência, tornou-se professor efetivo da Universidade Federal do Piauí (UFPI) em Parnaíba, e atualmente cursa doutorado em antropologia na Universidade Federal do Pernambuco. Helisa Sousa procurou outras direções, mas também trabalha exercendo uma função muito importante na formação de pessoas. Ela é assistente Social do Hospital e da Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Piri-piri e graduada em Direito pela UESPI.

Bárbara Melo, ex-aluna de Giovanni, lembra que ele tinha uma grande preocupação em formar cidadãos. “Ele nos inspirava por ser um profissional tão decente, tão competente e tão humano”, declara. Mas enfatiza que ele também era um professor muito criterioso. “Tinha alguns alunos que tinham até medo, e diziam: ‘Eita! Esse ano o professor Giovanni vai ser nosso professor’”, recorda com alegria.

A ex-aluna lembra uma vez que escreveu uma palavra errada e foi chamada atenção. “Foi uma questão de acentuação, que mudava o sentido da palavra... Quando ele viu, disse: “Barbara Olímpia, para onde você vai com essa palavra, aqui mesmo é que não é”, conta nostálgica.

Tudo isso influenciou na escolha profissional da também professora de português. “Ele influenciou na escolha da minha profissão. Por ele ser um professor tão disciplinado, um professor à frente do seu tempo. Ele era um professor, assim, muito moderno”, fala Bárbara Melo.

Hoje, Bárbara é uma profissional que forma outros profissionais na área de língua portuguesa. Ela declara ser uma grande honra ter sido aluna de Giovanni e ter aprendido muito com ele. “Ele foi um formador de gerações e recebeu a homenagem da instituição que forma outras tantas gerações”, finaliza.



Os sobrinhos de Giovanni, Helisa Sousa e Helder Sousa com a irmã do professor, Adalgisa Sousa



Luiz Mário Getirana com as edições da revista De Repente que contam a história do professor Giovanni



O professor Giovanni foi uma inspiração para Bárbara Melo escolher a carreira de docente

Alexandre Alves de Oliveira



Alexandre Alves de Oliveira, o contador de memórias

O amor pela matemática fez do professor Alexandre Alves de Oliveira um contador de memórias. Ele enumera os vários títulos registrados no currículo e conquistados ao longo da vida: educador, treinador, diretor, coordenador. Aos mais 90 anos, contabiliza as somas das experiências e histórias que viveu.

O nome do Campus

Em 1993 a UESPI lançou o primeiro edital para vestibular da instituição. Na ocasião, foi autorizada a instalação de quatro campi da universidade em Floriano, Picos, Corrente e Parnaíba. Nos primeiros doze anos de funcionamento, o campus do litoral se intitulava somente com o nome da cidade. Acompanhando o processo de nomeação de diversos campi, o prédio de Parnaíba passou a ser chamado de Professor Alexandre Alves de Oliveira, por meio do projeto de lei de nº 2075/05, datado do dia 29 de novembro de 2005, de autoria do deputado Moraes Souza Filho.

A homenagem encheu de felicidade o professor, que dedicou a vida à educação da juventude parnaibana, e fortaleceu a sua relação com o Campus de Parnaíba. Laços que se estreitaram por questões geográficas e propósitos de existência: a residência de Alexandre Alves e o prédio da UESPI estão localizados próximos um ao outro, na avenida Nossa Senhora

de Fátima. Em poucas palavras, ele revela emocionado: “sou muito feliz por essa homenagem”.

Registros da memória

O quinto filho de José Alves de Oliveira e Maria José da Glória nasceu no interior do Ceará no dia 27 de fevereiro de 1925, no sítio Cajazeiras, localizado na cidade de Cedro. O professor Alexandre vasculha a memória para lembrar-se da infância ao lado dos oito irmãos, mas logo ele recorre a um livro que escreveu aos 90 anos, intitulado Histórias de um cearense em Parnaíba, onde descreve: “como foram felizes os dias da minha infância no Sítio Cajazeiras no município de Cedro, onde residia com minha família, meu pai, minha mãe e sete irmãos: Maria, Vicente, Cosmo, Aguida, Elisa, Antônio e Francisco. As brincadeiras ao ar livre, banhos de riachos e açudes, corridas atrás ou em cima de animais, tudo era diversão”.

Ao lado dele, contando parte dessas memórias, está sua companheira, Maria Christina de Moraes Souza Oliveira, 82 anos. Ela que o ajuda a relembrar a maior parte desses momentos. Eles estão juntos há 58 anos, e são pais de 4 filhos. “O primeiro foi o Marcos, depois Alexandra, Maurício [in memoriam] e, por último, Joaz. Do matrimônio dos filhos, ganhamos 7 netos e 5 bisnetos”, explica Dona Christina.

Ambos têm registrados nos currículos uma vasta experiência e dedicação à educação do município. Ela também foi professora. Ele, de Matemática e Educação Física; ela, Geografia e Desenho.

Olhando as fotografias, certificados e documentos, Christina conta que a vida do esposo sempre foi voltada para a juventude. “Olha aqui [mostra uma pasta], muitos títulos que ele recebeu pelos trabalhos como professor, como treinador esportivo. Aqui nas fotos tem vários momentos de quando participamos dos jogos estudantis estaduais e também das festas nas escolas”, fala saudosa.

O sonho de estudar

Alexandre conta que aos 16 anos saiu de sua cidade natal para estudar em Fortaleza, capital do Ceará. De acordo com ele, o pai sonhava em formar os filhos e foi mandando de um por um para estudar. “Nessa época, todo mundo viu como um absurdo vender a fazenda e partir para a capital. Mas papai estava empolgado com o estudo e a formatura dos dois primeiros filhos”, conta.

O professor descreve detalhadamente essa história no livro: “A família Alves de Oliveira residiu em Fortaleza nas ruas Rodrigues, 43; rua Santa Teresa, 1.372; Padre Mororó, 1.963, em casa alugadas, e por fim, foi comprado um terreno em Parangaba onde foi construída uma casa em que meus pais ficaram até os seus últimos dias”.

Em Fortaleza, o professor iniciou os estudos no Colégio Lourenço Filho, que hoje é uma faculdade. Concluiu o 2º grau na época e estava habilitado para o vestibular. Durante o período de estudos na capital cearense, ele construiu laços de amizade com muitas pessoas, tanto com professores, quanto com colegas de

classe, época em que começou se encantar pelo magistério.

Mas os primeiros testes que concorreu para o ensino superior foram para Agronomia, sem muito êxito e, depois tentou Ciências Econômicas. “Também não deu muito certo. Eu queria prestar concurso e queria muito trabalhar. Foi então que surgiu a oportunidade de dar aulas de matemática nos cursos de admissão no ginásio do Colégio Lourenço Filho”, relembra.

Suas habilidades com os números fizeram surgir oportunidades para lecionar em outras escolas. “Foi aí que me entusiasmei como professor. Eu gostava muito de matemática. Eu tinha uma bicicleta e andava o bairro todo dando aulas particulares. Tinha muitos alunos”, recorda.

Parte do conhecimento de Alexandre em matemática foi adquirido com o professor João Figueira, que foi quem também o influenciou na escolha profissional. “Ele foi muito importante pra mim. Foi quem fez eu me apaixonar por essa disciplina maravilhosa”, des-

taca. Em Fortaleza, Alexandre fez todos os cursos da CADES (Cursos da Campanha de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento do Ensino e Cultura). “Isso era por volta da década de 50. Com a oportunidade de frequentá-los, consegui o registro definitivo de professor para lecionar Matemática”, disse.

“Um cearense em Parnaíba”

Após seis anos ministrando aulas em diversas escolas do Ceará, o professor Alexandre foi convidado pelo amigo Edgar Linhares Lima para trabalhar no estado ao lado. Dessa vez, na cidade de Parnaíba, Piauí. De acordo com o docente, o convite foi irrecusável. “Ele já chegou com a passagem na mão para eu embarcar no outro dia. E era de avião! Foi a minha primeira viagem de avião”, conta. Então, no dia 15 de agosto de 1957, Alexandre passou a morar em Parnaíba. Durante o primeiro ano na cidade, o professor morou no apartamento vizinho ao Ginásio São Luís Gonzaga, um internato da Dioce-

se, onde lecionava. “Lá era ótimo. Perto dos estudantes. Aos finais de semana jogava bola com eles, praticava todos os esportes”, lembra.

A fama de bom professor logo se espalhou pela cidade e ele foi convidado para trabalhar em outros lugares, como no Colégio Nossa Senhora das Graças, no Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, no Colégio União Caixerai, na Escola Senai, no Ginásio Parnaibano, e no Colégio Estadual Lima Rebelo. De 1957 a 1980, prestou serviços à comunidade parnaibana como diretor de escolas e presidente da Comissão Pró-Juventude do Rotary Clube, além de participar em promoções do Ministério da Marinha através da Capitania dos Portos do Piauí.

Na área esportiva, esteve à frente dos Jogos Estudantis de Parnaíba, colaborou com a corrida do Fogo Simbólico da Pátria, e coordenou a Delegação Esportiva de Atletas Estudantis Parnaibanos, nos Jogos Estudantis Piauienses. De acordo com a esposa, no período dos torneios a



Viagem ao Rio de Janeiro do Sr. Alexandre e D. Christina no início do matrimônio



Professor Alexandre
Alves de Oliveira



D. Christina e Sr. Alexandre são casados
desde 1958

disputa entre as cidades era muito grande. “Tinham as bandinhas e cada cidade se vestia de trajes típicos para representá-la. Formávamos muitos times. Eu e ele éramos concorrentes nos jogos daqui de Parnaíba. Tínhamos até uma rivalidade para saber quem ia ganhar”, fala dona Christina.

“O esporte era minha especialidade. Treinamos e formamos times com os quais fizemos excursões a Teresina, Sobral e Fortaleza, voltando com vitórias, troféus e aplausos”, conta Alexandre. O casal de professores lembra que no fim dos torneios eram realizadas as festas prestigiadas pela sociedade e pelos políticos. “Eram festas muito lindas. Tinha o baile da Rainha dos Jogos Estudantis, no clube dos Diários, em Teresina”, acrescenta a professora.

O sonho de fazer um curso superior só foi possível em 1974, porém não na disciplina que atuava. O professor Alexandre tem formação em Pedagogia-Licenciatura Plena em Especialização em Administração Escolar. O professor também se engajou em movimentos pela educação. Fez parte da Associação dos Professores de Parnaíba- APP, depois da Associação dos Professores do Estado do Piauí-APEP.

“Nessa época, enfrentamos lutas incessantes para a instalação de uma sede para recreação e lazer na Avenida Nossa Senhora de Fátima, onde fica UESPI, e depois, em sentido mais amplo, lutamos para aquisição de terreno e construção da sede dos professores do estado do Piauí na cidade de Luís Correia”, recorda.

Juntos pela educação

A educação uniu os professores Alexandre e Christina. Os dois tiveram a oportunidade de se conhecer nos cursos da CADES em Fortaleza, mas, por ironia do destino, não foi possível nesse momento. Só depois de casados, D. Christina lhe mostrou que os dois estavam na mesma fotografia de fim de curso do MEC. Hoje eles riram da situação e agradecem por ter dado certo em outra ocasião. Segundo o professor Alexandre, isso ocorreu quando ele chegou no Colégio São Luís Gonzaga. “Lá tinha uma professora que me chamava bastante atenção. Sua pontualidade e inteligência cati-

vavam todos. Mas ela foi a única que não me apresentaram. Porém fui me aproximando aos poucos”, fala.

E após um ano da estadia do professor em Parnaíba, em 1958, os dois resolveram noivar e casar. Assim, começaram a trabalhar juntos nas escolas, nas festividades, campeonatos e eventos do município. Moraram em Parnaíba durante quase todo o casamento. Somente por 10 anos residiram em Teresina, quando a Professora Christina foi vice-reitora da UESPI, de 1995 a 2001, na gestão junto com o Professor Jônatas Nunes. “Temos registrado muitos momentos desses em fotografias. Eu adoro olhar essas fotos e recordar”, disse satisfeita. Acrescentando, o professor Alexandre diz: “nada me faltou, sou muito feliz aqui”, finaliza comovido.

Josefina Demes



Josefina Demes, a navegante das palavras

Josefina Demes carregou o pioneirismo como vocação de vida e teve as palavras como guia. Por 30 anos, a cidadã florianense e descendente árabe, dedicou-se a uma pesquisa inédita sobre a história de Floriano, que resultou em um livro póstumo. Ela também foi a primeira mulher a conquistar um título superior em Floriano e a primeira mulher homenageada com seu nome em um campus da UESPI.

O nome do Campus

O campus de Floriano foi implantado no processo de expansão e interiorização da UESPI no Piauí, entre os anos de 1991 e 1993, juntamente com os campi das cidades de Picos, Corrente e Parnaíba. Nos primeiros anos do campus no município, a comunidade acadêmica chamava o prédio de “campus de Floriano”. No ano de 2005, a então deputada Maria José Leão propôs, através do projeto de Lei nº 5.550/2005, que o prédio universitário passasse a ser chamado de “Dr^a Josefina Demes”.

A família de Josefina Demes reconhece que a homenagem póstuma é muito justa, porque Josefina, mesmo sendo graduada em Farmácia, sempre atuou nas áreas da educação. Segundo a irmã, Maria Demes, 88 anos, doutora Josefina se dedicou à educação de Floriano. “Ela dedicou a vida dela foi para o magistério, era onde ela se sentia realizada”, afirma. Além do prédio da UESPI na cidade, o legado

de Josefina é lembrado em uma sala no campus, na biblioteca escolar do PREMEN (Programa de Expansão e Melhoria do Ensino), e na Escola Josefina Demes, no bairro Malhada da Pedra. Além de nomear prédios públicos, Josefina Demes foi homenageada pelo governo do estado com a medalha do Mérito Renascença, outorgada pelo ex-governador Francisco de Assis de Moraes Sousa (Mão Santa).

Josefina Demes: origens e história

Josefina Demes foi umas das muitas crianças que migraram da Síria para o Brasil, fugindo da guerra. A filha de Auad José Demes e Séda Demes era a terceira de cinco irmãos: Joseph Demes (in memorian), Michel Demes (in memorian), Maria Demes e José Demes Filho. Nasceu em 10 de dezembro de 1920 em Kabab, distrito de Auran, na Síria, mas foi registrada no Brasil, em Salvador, quando conseguiu fugir do país com a mãe e o irmão, Michel.

Maria Demes conta que, muito antes de Josefina nascer, a imigração dos seus familiares para o Brasil já havia começado. “Meu pai veio pra cá com 16 anos. Uma criança”, diz. Segundo ela, no período em que os turcos dominaram a Síria, os filhos dos sírios eram enviados para a guerra, e não os filhos dos turcos. “Mas teve os que se rebelaram. Os rapazes que estavam mais ou menos na idade [16 a 18 anos] fugiram pra não entrar em guerra a favor dos turcos. E assim meu pai veio pra cá [Brasil], viajando muito tempo, mais de mês”, relata.

Segundo Maria Demes, o objetivo do pai era tentar a sorte em terras mais tranquilas. Depois de passar um tempo no Maranhão, decidiu ir para Floriano, onde muito de seus conterrâneos já residiam. “Quando ele chegou aqui, começou a negociar, mas era tudo muito difícil. Sem dinheiro. Mas encontrou muita gente que ajudasse ele”, conta. Auad começou a montar o comércio, onde vendia produtos importados e tapetes. Depois de juntar dinheiro, regressou para a Síria e casou com Séda Demes, e teve os primeiros três filhos. Maria conta que houve outra guerra e só o pai conseguiu vir para o Brasil.

“A minha irmã e meus irmãos viveram na maior dificuldade, porque naquele tempo não tinha como se enviar dinheiro. Só era possível mandar dinheiro quando uma pessoa ia pra lá e levava. Tinha um tio lá que era irmão da minha mãe, e que ajudou em tudo lá. E ela [mãe] só veio pra cá quando terminou a guerra”, conta a irmã de Josefina, que já nasceu no Brasil, quando a família se estabilizou.

Na vinda da família para o Brasil, só vieram a mãe e os irmãos Josefina e Michel, porque o primogênito falecera ainda na Síria, devido a uma doença. “Quando eles chegaram aqui, minha mãe e meu pai ainda tiveram uma filha na minha frente, que faleceu, com poucos meses. Depois teve o caçula, José Demes Filhos, que hoje mora em Brasília”, diz Maria. Maria lembra que quando nasceu sua irmã já tinha 9 anos de idade. Devido à diferença de idade, não puderam compartilhar uma infância juntas. “Ela foi estudar em

Teresina e eu fiquei aqui. Quando ela terminou, veio pra cá como professora. Depois foi estudar no Ceará a graduação em Farmácia. E quando voltou, já fui eu quem saí pro Ceará, porque não tinha científico aqui, só tinha ginásio. Aí eu tive que ir para o Ceará. Passei 6 anos lá. Também me formei em Farmácia, naquele tempo só tinha essa área para seguir”, comenta.

A primeira mulher graduada de Floriano

A trajetória profissional de Josefina começou logo na saída para Teresina. No Colégio das Irmãs, concluiu o curso normal e adquiriu o título de professora normalista, no ano de 1938. No regresso a Floriano, foi professora da cadeira de Física da Escola Normal do município, depois na Escola Normal Regional de Floriano. No ano de 1949, no Ceará, se graduou em Farmácia pela Faculdade de Farmácia e Odontologia, estado onde também iniciou os estudos em Filosofia, que não chegou a concluir.

Segundo o amigo e ex-aluno Luís Paulo Lopes, Josefina foi a primeira mulher graduada de Floriano. Foi também proprietária da farmácia Nossa Senhora das Graças, que não durou muito tempo. “Ela dava as coisas. As pessoas iam lá com a receita, eram pobres, iam com neném doente no braço e ela dava as coisas”, conta, revelando o perfil humanitário de Josefina. De acordo com ele, até o fim da vida ela manteve um laboratório de manipulação onde produzia Aguardente Alemã.

Maria Demes destaca que ela era farmacêutica, mas a vocação que tinha mesmo era para a docência. “Adorava ensinar. ensinava tudo quanto era disciplina. Todo professor que faltava chamavam a doutora. Ela ia e entendia de tudo. Muito preparada, muito culta. Gostava de ler, gostava de estudar. Foi diretora de colégio também”, detalha.

Em Floriano, Josefina Demes lecionou em muitas escolas; em algumas, assumiu a direção. Foi professora no Colégio Comercial Noeme Melo e no Ginásio Santa Teresinha, na qual também foi diretora. Lecionou também no Ginásio Estadual de Floriano, no Centro Educacional Fundação Fernando Ferrari e na Unidade Escolar Monsenhor Lindolfo Uchôa. Além disso, por muitos anos trabalhou na Escola Técnica de Comércio, onde ministrou aula por 27 anos e foi diretora por 25 anos. “Foi professora de Geografia, de História e de OSPB (Organização Social e Política Brasileira)”, reitera Luís Paulo.

Desde que morou no Ceará, relatam que ela era envolvida com movimentos estudantis. Sempre em prol de causas sociais e benefícios para o município de Floriano, era engajada nos partidos políticos locais. De acordo com Luís e Maria, ela foi candidata a vereadora, teve muitos votos, mas não foi eleita porque a legenda do partido não atingiu o número mínimo para o pleito.

Acervo histórico de Floriano

A professora que ensinou boa parte dos cidadãos florianenses também era dotada de uma memória invejável. O primo Nagib Demes, 91 anos, ressalta que Josefina foi uma mulher de inteligência vasta e memória incrível. “Ela era o arquivo público daqui de Floriano. Sempre que se perguntava alguma coisa sobre Floriano, era ela quem sabia responder”, fala, risonho.

O amigo Luís Paulo completa, destacando que Josefina era uma moça muito culta. “Ela tinha conhecimento de história universal e cultura árabe, porque ela era árabe. Além disso, tinha uma representação política muito grande”. Depois de muitos anos se dedicando à sala de aula, Josefina Demes teve que ficar reclusa até o fim da vida, devido a uma para-

lisa. Mas, no período de reclusão, ela se debruçou nas pesquisas para escrever um livro sobre a história de Floriano.

Segundo Maria Demes, era um desejo dela deixar algo escrito sobre Floriano, e ela juntou muitos documentos. Todo mundo que queria saber algo sobre a cidade a procurava. “Então ela começou a escrever um livro e passou 30 anos procurando informações para escrevê-lo. Ela queria contar a história de Floriano. Ela achava que Floriano era uma cidade sem história. Era preciso deixar alguma coisa. Começou, mas não chegou a terminar, porque ela faleceu em 2002. Tinha muito mais coisa. Mas depois de uns dois anos do falecimento dela, eu ajeitei o livro”, comenta Maria Demes.

O livro “Floriano: sua história, sua gente” foi organizado por Maria Demes e Luis Paulo Lopes. Segundo eles, Josefina deixou muitos escritos à mão, que foi preciso digitar e organizar, além de confirmar dados e fontes. “Ela fez um trabalho fantástico. Ela buscou lá na casa Garcia D’avila e foi puxando pelos sertões de dentro, de Cabrobó, daquela região toda que veio a entrada da civilização no Piauí. Eu tinha muitos documentos aqui, porque passei muito tempo na casa Anísio Brito em Teresina, e dei todos pra ela. Porque quando foi abrir um museu aqui, eu fui pra lá buscar a história de Floriano. Eu era muito amigo do secretário, Jesualdo, na época, e eu tínhamos francos acessos a Anísio Brito. Então, muitos documentos eu cedi pra ela”, disse Luís. Atualmente, o livro é a principal fonte sobre a história do município.

As contribuições dos Árabes em Floriano

Josefina, muito ciente da importância dos sírios em Floriano, descreveu no livro as origens e o percurso da imigração dos povos árabes na região. Segundo ela, data do ano de 1889 o início



D. Maria Demes com o livro da irmã, doutora Josefina Demes



Luís Paulo Lopes, amigo e ex-aluno de Josefina Demes



Sr. Nagib Demes, um dos últimos comerciantes de descendência síria em Floriano

da presença de árabes em terras florianenses. No livro, a autora conta que o primeiro árabe na cidade foi Antun Zarur, natural de Malula, cidade a poucos quilômetros de Damasco, capital da Síria.

Segundo Nagib Demes, a presença dos sírios deu um impulso muito grande na região. “Nessa época, Floriano era a ‘capital’ do Piauí. Todo mundo se abastecia aqui”, lembra. O Sr. Nagib é descendente de sírios, mas já nasceu no Brasil, na cidade de Benedito Leite, no Maranhão. Chegou em 1940 na cidade e se tornou um dos grandes comerciantes da região central, na área de materiais de construção. Hoje, ele é um dos últimos filhos de sírios em Floriano, atuando no segmento alavancado pelos árabes.

Porém, a aceitação do povo árabe não se deu de maneira pacífica, em um primeiro momento. Segundo Josefina relata em seu livro, nos anos de 1915 eles foram rejeitados e expulsos pelos comerciantes locais. O motivo foi a concorrência e as vendas de produtos importados. Uma expulsão quase que simbólica, porque o povo árabe se mudou para a vila de Barão de Grajaú, cidade fronteira com Floriano. Embora a mudança não perdurasse tanto tempo, marcou a história da presença árabe no Piauí.

De acordo com Luís Paulo, os florianenses aceitaram os árabes posteriormente, pois se tratava de um povo pacato e de pessoas de bem. “Eles chegaram se aproximando, fazendo amizades. Aqui muitos ficaram ricos, porque eles adotaram esse lugar como terras deles. Uns voltaram pra lá, mas já velhos e bem ricos. E foram ficando”, conta. Luís Paulo destaca que a cultura, tradições, arquitetura e a culinária árabe também prevaleceram na cidade.

Floriano comemorou os 100 anos da imigração árabe com uma grande festa durante os dias 26, 27 e 28 de julho de 1989. A festa, realizada na Rua São Pedro, simbolizava uma mescla de passado e presente. “Brasileiros e árabes, irmanados pelo mesmo sentimento, festejaram a efeméride com grandes demonstrações de alegria”, descreve Josefina em seu livro. As mais de 600 páginas do livro sobre Floriano são resultados da coragem, determinação e amor de Josefina Demes. A imigrante árabe deixou um grande legado para Floriano, a terra que acolheu seus conterrâneos como filhos.

Possidônio Queiroz



Possidônio Queiroz, o amante das artes

Possidônio foi o oeiense mais conhecedor “das coisas de Oeiras”, a primeira capital do Piauí. Homem de jeito manso, educado e humilde, viveu 93 anos se dedicando a arte, a música e a história. Autor de notas e partituras de 11 valsas e dois hinos, o flautista é a memória musical da cidade berço cultural do estado.

O nome do Campus

Oeiras foi uma das 11 cidades do Piauí que recebeu um campus da UESPI para oferta de ensino regular, através do decreto de nº 10.239, de 24 de janeiro de 2000. O prédio que hoje funciona a UESPI, era a antiga Escola Normal “Presidente Castelo Branco”. Segundo o filho de Possidônio Queiroz, Francisco Queiroz, no prédio funcionou também o primeiro ginásio da cidade. “A criação do ginásio veio da luta de meu pai e outros filhos de Oeiras para criação de uma escola ginásial. Isso foi uma luta tremenda, porque as autoridades, os pais que representavam o estado, não queriam”, afirma.

Francisco Queiroz conta que a criação do ginásial era um sonho de todos os intelectuais de Oeiras, e, que do pai lecionou na escola como professor de português. Possidônio era um homem culto, dotado de um vasto conhecimento e de inúmeras profissões, que adquiriu através da formação autodidata. Dentre elas podemos elencar: advogado (rábula), professor, conferencista, jornalista, historiador, filósofo, crítico literá-

rio, músico, cronista e poeta. Dedicou-se a ensinar a todos que por algum motivo lhe procuravam para orientação, tirar dúvidas e conhecer a história de Oeiras. Como um grande incentivador da educação, da história e das artes de Oeiras, a homenagem para ser patrono da primeira universidade pública foi aceita em unanimidade. Sendo apresentada pelo deputado Mauro Tapety, através da Lei Estadual nº 5.382, de 23 de abril de 2004, para nominar o prédio de “Professor Possidônio Queiroz”. Logo na entrada do prédio, uma placa ao lado direito concretiza a homenagem no dia 15 de agosto de 2004.

“Foi feita uma festa e eu estava lá pra receber essa placa em homenagem a meu pai. E depois eu tive que fazer um agradecimento à Câmara dos Deputados e à pessoa do Mauro Tapety. Teve um documento onde todo mundo assinou. A família toda assinou essa lembrança”, rememora Francisco, filho mais novo de Possidônio.

Filho da primeira Capital do Piauí

Os primeiros passos para a formação do estado do Piauí foram dados em Oeiras. Segundo os historiadores Rodrigo Queiroz (bisneto de Possidônio) e Shayana Silva, no livro em homenagem a Possidônio, a cidade de Oeiras nasceu no entorno de uma igreja, próximo ao riacho da Mocha. Foi elevada à categoria de freguesia sob invocação de Nossa Senhora da Vitória. Por essa virtude, se tornou o berço da religiosidade e devoção ao catolicismo do nosso estado.



Possidônio Nunes Queiroz
Arquivo Pessoal

A região que é localizada no sertão piauiense, centro-sul do estado, em 1717 se transformou em vila, passando a ser nominada como Vila da Mocha. No ano de 1761, a Vila recebeu o título de capital e passou a ser chamada de Oeiras em homenagem a Sebastião José de Carvalho e Melo, o Conde de Oeiras Português.

Por 91 anos, Oeiras foi sede do poder administrativo do Piauí, mas por questões políticas, o governador da província, Conselheiro Saraiva, decidiu transferir a capital para Teresina. Os historiadores destacam que a justificativa era porque Oeiras estava localizada em uma região de difícil acesso a outras províncias, com terras de baixas fertilidade para a produção agrícola. Para o Conselheiro, o ideal era ter a capital próxima das hidrovias do rio Parnaíba.

Então, em 16 de agosto de 1852 a capital é transferida para a Vila Nova do Poti, elevando-a categoria de cidade, com o nome de Teresina em homenagem a imperatriz Teresa Cristina. “A transferência causou em Oeiras uma desestruturação administrativa, política e econômica por quase um século”, descrevem os historiadores. Oeiras só começa a se reerguer na segunda década do século XX, através de um

movimento intelectual encabeçados por José Expedito Rêgo de Carvalho Filho, Orlando Geraldo de Carvalho Rêgo (O.G Rêgo de Carvalho), Antônio Bugyja de Sousa Brito.

Possidônio Nunes Queiroz nasce junto ao movimento cultural em Oeiras, em 17 de maio de 1904. No seio de uma família humilde, em uma cidade no sertão piauiense, o filho dos agricultores Raimundo Nunes Queiroz e Francisca Soares de Queiroz, foi sinônimo de luta e sagacidade. Descendente de escravos, sem muitas opções de estudo, não se intimidou em busca do melhor conhecimento sobre o mundo e, principalmente, sobre Oeiras.

“Possi”, como era conhecido pelos familiares e amigos, foi um dos homens que mais colaborou com a manutenção das “Coisas de Oeiras”. “Ele era um entusiasta da cultura, das artes, da música, da história e da educação dos oeireses”, afirma Rodrigo. Muito do que se sabe sobre a cidade foi relatado por Possidônio em cartas, discursos e notícias na revista “O cometa”, em que era sócio fundador.

Formação musical e intelectual

Ao lado dos irmãos João Queiroz, Maria Anunciação Queiroz e Vicente de Paula Queiroz, Possidônio desfrutou de uma infância simples, apreciando as tradições de uma Oeiras recheada de músicos. Os primeiros passos para sua formação intelectual foram na escola particular de Dona Quinhina Campos, aos 7 anos. Estudou lá até concluir o primário, passando depois a frequentar a escola do Dr. José Epifânio Carvalho. Ele era um aluno exemplar, onde as médias escolares sempre variavam entre 9 e 10. No externato Oeirense, chamava atenção dos professores pelas boas notas.

Desde pequeno os ouvidos de Possidônio se encantaram pelas notas musicais. Em Oeiras, nas primeiras décadas do século XX, duas bandas surgem para re-

alizar apresentações em cerimônias religiosas e cívicas, a “Banda de Música Vitória” e a “Banda Triunfo”. Apreciando o som das orquestras, Possidônio despertou o amor pela música. Segundo Shayana e Rodrigo, o primeiro instrumento musical de Possidônio foi uma flauta, construída por ele mesmo, feita de bambu.

Os primeiros mestres músico foram Jeremias Rodrigues dos Santos, diretor da Banda Triunfo, e o flautista João Rêgo, que lhe passaram orientações bases. Mas o conhecimento nato sobre a música veio das leituras intensas e a horas a fio treinando. Aos 20 anos, quando Possidônio decide ir morar na capital Teresina, para dar continuidade ao curso de Escrituração Mercantil, teve oportunidades para aperfeiçoar a musicalidade na flauta.

Na capital, logo que conheceu o Maestro Pedro Silva, foi convidado para participar de uma orquestra com 24 músicos escalados para tocar na posse do governador Matias Olímpio. Em Teresina, Possidônio não teve uma estadia demorada, logo retorna a Oeiras em 1926, ano marcado pela passagem da Coluna Prestes na cidade.

O filho Francisco e o bisneto Rodrigo, contam que Possidônio foi um dos oeireses que conversou com Luís Carlos Prestes. “Entre os dois houve uma relação afetuosa. Há relatos que conversaram bastante. Possidônio lia muito e sabia muita coisa sobre história e política. Deve ter sido uma conversa nesse sentido”, comentou Francisco.

No livro sobre Possidônio, os autores destacaram que o discurso mais importante e gratificante da vida dele foi designado a Prestes. “Diferente das outras pessoas, Possidônio acreditada que Prestes era um líder, encabeçando um movimento em prol de um Brasil melhor”, relataram Shayana e Rodrigo.

Segundo Francisco, o pai por ser um leitor assíduo, tinha uma visão de mundo conceituada e até

recebeu o apelido de “Cupim de Livros”. “Papai pegava um livro, se você desse um livro pra ele ler, ele entrava no prefácio e saía na conclusão lá em baixo”, memora. Essa mesma característica foi herdada por Francisco. As revistas, os livros em cima da mesa estavam rabiscados, com algo que ele julgava ser importante anotar. “Quando eu passar para eternidade, eu vou ter também os rascunhos de algumas besteiras”, fala risonho.

Amante das Artes

Aos 24 anos, Possidônio casou com Otacília Ribeiro de Queiroz, com quem viveu 66 anos e teve 5 filhos: Maria Amélia de Queiroz Lima, Carmélia Ribeiro de Queiroz, Raimundo Queiroz Neto, Gerardo Ribeiro de Queiroz, Francisco Ribeiro de Queiroz. Dos cinco, dois ainda estão vivos. “Melinha Queiroz”, a mais velha de 82 anos, reside em Teresina e Francisco, 76 anos, mora em Oeiras.

Para o sustento da família, Possidônio começou a trabalhar como pedreiro, mas como de praxe, nas horas vagas dedicava-se aos estudos. Com o tempo viu que estava em uma profissão que não lhe agradava, logo tratou de aprender a fabricar joias. Depois conseguiu erguer um pequeno comércio no Mercado Municipal, que com o tempo se transformou em uma livraria. Segundo seu filho Francisco, na livraria ele era muito procurado para sanar dúvidas dos populares, foi por isso também que se tornou professor.

De todas as profissões, foi a de músico que deu a Possidônio o título de Beletrista, o amante das artes. Em 1930, reuniu outros músicos da cidade para formar uma orquestra, chamada “Renascença”. Dona Petroníla Amorim, 95 anos, conhecida como D. Petinha (in memoriam), era umas das integrantes da banda. Ela tocava bandolim nas apresentações da orquestra. Embora com a memória devassada pela idade, Petinha

lembrou das aulas que teve com Possidônio e da relação com o pai dela, João Francisco de Moraes Rêgo. “Foi ele [Possidônio] que me ensinou a tocar as partituras musicais. Ele era aluno do meu pai, tocaram muito tempo juntos. Até que meu pai sofreu um acidente, quebrou a mão e não pôde tocar mais. Aí Possidônio também deixou, já que não tinha mais um companheiro”, contou Petinha.

A Orquestra Renascença, apesar da pouca duração, esteve presente em eventos importantes na cidade, como na inauguração do Cine Teatro de Oeiras, inaugurado em 1940. Nesse dia, segundo Petinha, eles tocaram a valsa “Cecy Carmo” de Possidônio. A



Petinha Amorim, aluna de Possidônio

ele, levava de um cômodo pra outro da casa. A cada percurso que ele fazia, ele cantava. Ele cantarolava algumas coisas, geralmente era música instrumental”, conta Rodrigo. Entre uma canção e outra Rodrigo tentava pegar a melodia. Quando completou os 14 anos começou a pegar nos primeiros instrumentos por influência da tia Vanda Queiroz.

Segundo ele, a tia foi a primeira referência depois de Possidônio, que veio a falecer em 1996, já se aproximando dos cem anos. “Eu percebi ela cantando. Ela tinha um violão em casa, eu pegava o violão e ficava brincando. Um dia ela pega e me dar esse violão”, disse. Já na flauta ele co-

meçou a tocar em 2004 quando foi fazer um curso de música no Instituto Federal do Piauí (IFPI).

meçou a tocar em 2004 quando foi fazer um curso de música no Instituto Federal do Piauí (IFPI). Muitas das valsas de Possidônio foram dedicadas a filhos, afilhados e amigos. Somente umas das valsas teve letra. Ela foi composta em 1941, e se chamou “ Pensando em Ti”. Possidônio compôs a valsa “Graça Infantil” em homenagem ao filho Francisco. “Essa música o maestro Aurélio Melo da Orquestra Sinfônica fez um arranjo pra ela, e eles tocaram ela às vezes, essa peça Gra-



Possidônio durante um discurso de comemoração do dia do trabalhador em Oeiras crédito: Arquivo Pessoal



Possidônio durante um discurso de comemoração do dia do trabalhador em Oeiras crédito: Arquivo Pessoal

meçou a tocar em 2004 quando foi fazer um curso de música no Instituto Federal do Piauí (IFPI).

“Como eu estava com a flautinha doce, cheguei a Oeiras brincando com ela. Francisco, meu tio avô, perguntou se eu queria tocar uma flauta, a transversal. Eu disse que queria. Aí ele disse ‘vai lá em casa que eu vou te repassar um negócio’. Chegou lá ele me mostrou uma flauta de Ébano, que o Possidônio deu a ele quando criança”, conta.

As heranças de Possidônio não possuíram valor financeiro. Francisco destaca que o pai não foi um homem de posses, de terras, mas foi dono de um conhecimento vasto, que se sobrepôs

ção Infantil”, comentou Rodrigo.

Uma passagem de gerações

“Eu sempre admirava papai tocando flauta. Você vê que ele tá na flauta ali (mostra uma foto na parede). Mas na época eu pendi pra outro tipo de instrumento, o clarinete. E ele tinha me dado uma flauta, essa flauta eu soprei umas vezes nela e guardei”, conta Francisco. A herança de pai para filho também ultrapassou gerações. O bisneto Rodrigo disse que cresceu com o Possidônio cantarolando pela casa.

“Ele já estava ficando cego. Ficando com uma visão bem ruim. A gente ajudava muito



Rodrigo Queiroz, bisneto de Possidônio curador e pesquisador do acervo do bisavô



Francisco Queiroz, filho mais novo de Possidônio

ao tempo. Ele é uma grande referência para Oeiras e o estado do Piauí. Parte da memória de Possidônio o bisneto Rodrigo preservou nas pesquisas acadêmicas de graduação e pós-graduação, além de um memorial.

De acordo com Rodrigo, o universo de cartas que Possidônio deixou davam muitos conteúdos sobre diversas facetas. O cotidiano da cidade, mediação cultural, educação, política, música e história. “Ele começa a se apresentar como intelectual de Oeiras e como um cara que produz sobre a história de Oeiras”, finaliza Rodrigo.

Antônio de Barros Araújo



Antônio de Barros Araújo, o filho do sertão

Antônio de Barros Araújo foi tabelião, advogado, político e professor. Na região em que morava, era conhecido pela simplicidade, carisma e amor pela educação. Como representante político de Picos, foi Deputado Estadual e Prefeito durante boa parte da sua vida, e hoje tem seu nome eternizado no campus da UESPI na cidade.

O nome do campus

O Campus de Picos foi criado através da Lei Estadual nº 4619, de 21 de setembro de 1993, publicada no diário oficial do dia 26 de fevereiro de 1993, com a assinatura do presidente da República na época, Itamar Franco. Em 1994, o decreto nº. 9.170, de 30 de março, atribuiu ao Professor Antônio de Barros Araújo a nomeação do campus da UESPI,

localizado na região centro-sul do estado.

O atual campus da UESPI de Picos situado na Br-316, no bairro Altamira, é o primeiro prédio inteiramente planejado e construído para sediar a universidade, sendo uma obra financiada pelo estado, através da Secretaria da Infraestrutura (Seinfra). O antigo prédio ficava localizado na Av. Senador Elvídio Nunes de Barros, S/N, bairro Junco.

A homenagem feita pela instituição foi dada ainda em vida. “E eu lhe digo sem medo de errar, foi a homenagem que mais o marcou. Era a que ele se identificava. Meu pai era deslumbrado com essas coisas de educação”, afirmou o filho mais velho, Kennedy Barros. Ser professor foi uma das primeiras profissões de Barros Araújo, como era também a que ele mais gostava de atuar.

Menino do sertão

Antônio de Barros Araújo nasceu no dia 03 de setembro de

1934 em meio a uma realidade típica do sertão nordestino, da década de 30, na pacata cidade de Picos. De origem humilde, família simples, o filho de Joaquim Antônio de Araújo e Maria Alvina de Araújo, teve que abandonar bem cedo os familiares para ir em busca dos estudos, assim como os seus irmãos Amparo Araújo Barros, Maria Helena Barros Araújo Luz, Maria dos Remédios Barros Araújo Lima, José de Barros Araújo, Raimundo de Barros Araújo, Francisca Maria Barros Rego Leal e Abel de Barros Araújo.

Barros Araújo era de uma família muito limitada do ponto de vista financeiro, mas que acreditava que o estudo era o caminho. “Para os meus avôs, sem estudo ninguém chegava a lugar nenhum. Por isso resolveram falar com a Tia Cota, que morava em Floriano, para o meu pai e seus irmãos estudarem lá. Naquela época, Floriano era quem tinha um estudo mais avançado”, conta Kennedy.

O pedido feito através de uma carta descrevia uma certa vergonha em contar o drama de educarem os filhos. Kennedy destaca que mesmo assim tentaram pela oportunidade de dar o conhecimento para os filhos crescerem na vida. “Tia Cota era muito generosa e também muito religiosa. Achou bonito o gesto, e sugeriu que não mandasse um, mandasse dois. Que estavam na dúvida se mandava a tia Amparo ou papai. A Vovó, pra você ver como é as coisas, achava que tinha que mandar tia Amparo. Que achava que papai devia ser padre. E vovô não! Ele achava o contrário. Achava que devia mandar papai, que era o mais velho. O fato é que tia



Antônio de Barros Araújo

Cota concordou que eram os dois e então foram meu pai e tia Amparo para Floriano”, disse Kennedy. A vida em Floriano mesclava entre trabalho e estudo. Kennedy relata a dificuldade do pai para ter o alimento na mesa: “Papai me disse que tinha um bairro lá chamado Cansação, onde eles moravam. Todo dia, ele me dizia que acordavam 04h30 da manhã, e iam pro mercado vender pitomba. As 05h30 eles voltavam pra casa, para tomar banho, e ir pro colégio. Então, ali era um mutirão que fazia na casa, que todo mundo fazia um pouquinho, para poder garantir o sustento da família”, explica. Mas chegou um momento em que Floriano já não atendia mais a sequência dos estudos. Na época, apenas Teresina ofertava o ensino médio e superior. “Sem condição nenhuma. Tia Cota disse ‘eu vou levar meus filhos tudim’”, enfatizou Kennedy. Então, seguiram para a capital. Nos primeiros meses moraram em uma casa por trás da igreja que um Pároco forneceu. Lugar que anos depois passou a funcionar a Toca de Assis. Segundo Kennedy, para a Tia Cota ter uma casa no fundo da igreja era como uma providência divina, porque a família sempre foi muito religiosa.

O estudo era o caminho

Consciente de que a educação é o trajeto percorrido pelos sábios, o professor Barros colocou os pés na estrada. Cada passo lhe exigiu muita dedicação, abnegação e persistência. Morando em casa de favor, foi aconselhado pelos pais a estudar muito para não ter um futuro sem perspectivas e para não continuar o trabalho sofrido na roça, que os pais tiveram que passar para criar os sete filhos.

Em Teresina, estudou no Liceu Piauiense. Em 1954 concluiu o ensino médio. De acordo com Kennedy, o pai participou de uma competição na escola em que o aluno que mais se desta-

casse ganharia uma viagem pelo Brasil, e Barros levou o primeiro lugar. Porém, o período das férias era destinado a passar com os pais em Picos, a viagem seria no mesmo momento. A falta da família era grande, ele não queria desistir de ir para Picos, o que já era uma coisa muito difícil de acontecer, por conta da distância e a dificuldade no transporte. A decisão foi dar o prêmio para o segundo colocado da disputa, e matar a saudade do sertão.

Barros era um estudante aplicado. A filha, Lívia Barros, conta que o pai não tinha condição para comprar livros, estudava na Biblioteca Estadual Cromwell de Carvalho, no centro da cidade de Teresina no contra turno da aula. “Ele me disse que cansou de ficar lá até a hora de fechar e apagar a luz. A mulher dizia ‘eu já vou fechar’, e aí ele ia embora”, Lívia memora as histórias da adolescência do pai. Ela acrescenta dizendo que mesmo ele estudando durante o dia todo, quando viu o primo [Nelson] estudando tarde da noite à luz de lamparina, sentiu-se irresponsável.

“Marrapaz, eu aqui na casa da mãe dele, de favor, mas ele tá fazendo mais por onde do que eu. Por mais que esteja estudando, ele estudando a luz da lamparina, e eu fico é com sono. A partir da manhã isso vai mudar”, contou Kennedy interpretando os feitos do pai.

Colhendo os frutos

Segundo a irmã, Remédio Barros, ele começou a trabalhar bem jovem no magistério. Foi professor de várias instituições de ensino. Em Teresina, fez o curso de Direito na Faculdade de Direito do Piauí (FADI), e ao concluir o curso chegou a advogar, também exercendo a função de tabelião. Quando Barros volta para morar em Picos, ingressa na carreira política.

Primeiro se filiou a União Democrática Nacional (UDN), depois migrou para Aliança Renova-

dora Nacional (ARENA). Foi eleito pela primeira vez em 1970, como prefeito do município. A irmã destaca que ele se elegeu a deputado estadual cinco vezes. O primeiro mandato iniciou em 1975.

“Em 1991 assumiu a Secretaria de Justiça do Estado do Piauí, ocasião em que concluiu e inaugurou a Casa de Custódia de Teresina. Em 1992, foi o primeiro Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Piauí, escolhido pela Assembleia Legislativa”, conta Remédios. Os filhos ressaltam que de todas as profissões que teve, ser professor era a que mais gostava. Por onde passava em Picos era conhecido como “o professor”, ministrava aulas mesmo quando dava expediente durante a manhã e a tarde como prefeito do município.

Exemplo de pai

“Meu pai sempre foi uma pessoa assim muito amável, tranquila. Não era de conversar tanto assim, mas era muito carinhoso”, afirmou o filho mais novo, Antônio de Barros Filho. Vindo de uma origem humilde, Barros aprendeu desde cedo a dar valor a tudo que tinha, sobretudo, à família.

O primeiro casamento foi com Maria dos Remédios Portela Nogueira Barros, com que teve os quatro filhos: Kennedy Barros, Lívia Maria Nogueira Barros, Márcia Nogueira Barros (in memoriam) e Antônio de Barros Araújo Filho. Com o falecimento da primeira esposa, causou-se novamente com Conceição Alves, que conviveu até o fim da vida.

Os filhos destacam que tudo feito pelo pai era cheio de afeto e zelo. Integrante de uma família extremamente católica, olhava a vida como uma grande missão. Ele foi membro dos Vicentinos, movimento católico que se dedica a ajudar pessoas em situação de vulnerabilidade social e econômica. O filho Kennedy Barros acompanhou os passos do pai em muitas dessas vocações: foi também Vicentino, além de advo-

gado, Deputado Estadual e, atualmente, Presidente do Tribunal de Contas do Estado.

“Sempre os filhos seguem as pegadas do pai, principalmente, quando é de bom exemplo. Eu me lembro que quando eu era menino, com 15 anos de idade, eu falei num comício. Claro que não era um discurso. Mas já era uma situação vivida, da vocação que meu pai exercia. Foi assim

que veio o meu ingresso na vida pública e também na advocacia. Tudo isso tem a ver com o modelo que ele representava pra gente”, explica Kennedy.

Os três filhos, Kennedy, Livia e Barros Filho semanalmente se reúnem aos sábados, no café da manhã, para relembrar as histórias do pai. A tradição começou ainda com o pai, que faleceu em 2015. “A gente se reunia com

ele, principalmente o Kennedy. Ele convocava a gente, mas nem sempre dava. Cada um tem sua vida e tal. Mas a iniciativa sempre partia dele e era bem marcante”, comentou Barros Filho.

Para Livia, hoje é umas das formas de lembrar-se das vivências que teve ao lado do pai. “A lembrança dele é muito boa. Ele foi um ser muito iluminado”, finaliza.



Os quatro filhos e a primeira esposa de Antônio Barros Filho |Crédito: Arquivo Pessoal

Os filhos: Livia, Barros Filho e Kennedy Barros



Barros Araújo durante os estudos | crédito: arquivo pessoal

Ariston Dias Lima



SÃO RAIMUNDO NONATO

Ariston Dias Lima, o mestre da oratória

Alfaiate, tabelião, advogado, guarda-livros e professor, foram algumas das múltiplas profissões de Ariston Dias Lima, personalidade homenageada pela UESPI. O homem que compilou dados sobre a própria trajetória, deixou um legado na construção histórica do município situado na macrorregião do semiárido piauiense.

O nome do campus

Com a aprovação do novo estatuto do processo de interiorização dos campi e ampliação dos cursos da Universidade Estadual do Piauí, em 1º de dezembro de 1995 foi autorizado o funcionamento do campus de São Raimundo Nonato. O prédio foi inaugurado em 17 de fevereiro de 2000, com o nome do Professor Ariston Dias Lima.

O proponente da homenagem, o ex-vereador João Eudes de Castro, conta que a UESPI foi um grande presente para toda região. “Naquela época nós recebemos a UESPI como uma oportunidade. A gente dizia assim: os filhos pobres que viraram doutores”. Segundo ele, para homenagear a instituição foi pensado o nome do professor Ariston.

“Ele foi um mestre né!? Foi um grande professor, advogado. Era uma pessoa que o nome representava bem aquela instituição. Um nome forte que fez história em São Raimundo Nonato, mesmo na sua época com todas

as dificuldades, ele se destacou com relação a educação”, contou João Eudes.

A neta, Keila Lima, relatou que o avô recebeu várias homenagens em repartições públicas da área do direito, em que era muito atuante. Uma sala na OAB, outra Fórum e também no Ministério do Trabalho. “Mas como ele gostava de ser chamado de professor, faltava essa homenagem”, enfatizou.

“Foi um reconhecimento pelo trabalho que ele fez na cidade. Porque tem uma biblioteca com nome dele também. Mas com essa homenagem foi o fechar do círculo. Uma universidade, o campus universitário. Para ficar assim a história de uma pessoa que lutou muito pela educação e também na questão humana”, reiterou o neto, Euvaldo Filho.

Dados Biográficos

Ariston Dias Lima era uma pessoa que gostava de documentar a própria história. Nos seus escritos sobre a trajetória de vida, registrou a data do nasci-

mento em 06 de abril de 1905, na Vila de São Raimundo Nonato. O filho de Deolindo da Silva Lima e Maria Eulália da Silveira era casado com Maria Amélia, com quem teve os filhos Socorro, José, Teresinha, Luis, Edilio, Raimundo Ney, Maria Olga, Antônio, Irene Marly.

Nos escritos, relatou que aos sete anos ingressou na escola, onde foi aluno de José Leandro Deusdara. Segundo Ariston, o professor era um grande educador, mas muito exigente e gostava de aplicar a palmatória para os que não estudavam.

Ariston precisou se mudar para dar continuidade aos estudos, e foi morar no Remanso com os tios, José Ferreira Paes Landim e Antônia Dias Landim. Passou oito meses na escola, onde pôde aprender as disciplinas básicas, como a matemática, português, história e geografia. Mas teve que retornar a São Raimundo Nonato e deixar os estudos de lado, pois na cidade não havia colégio para o científico, o que seria o ensino médio.

Sem condições também para ir estudar em Salvador, op-

Professor
Ariston Dias Lima



tou por trabalhar e começou como aprendiz de alfaiate, na Alfaiataria do Sr. Raimundo Augusto de Carvalho. Passou dez anos na alfaiataria já conseguindo aprender o corte. Depois foi trabalhar com o amigo Antônio Bastos. Em 1927 montou a própria alfaiataria.

Já em 1928 resolveu abrir uma escola particular. Passou um bom período lecionando a disciplina de história. Seu neto, Euvaldo, conta que o avô formou muita gente. “Ele foi um dos professores aqui do Ginásio Dom Inocêncio. Depois ele se tornou professor daquele Ginásio moderno, que hoje é centro um integrado. Foi nomeado até pelo governador Petrônio Portela”, disse. Boa parte dos documentos e escritos de Ariston hoje se encontram no Laboratório de Documentação e Pesquisa em História do campus de São Raimundo, disponíveis para consultas.

Ele entrou na advocacia por influência do Coronel José Dias, assim acredita o neto Euvaldo. “Era o patriarca daqui e ele conversava muito com ele. Como ele era muito inteligente, ele começou a desenvolver, a pegar o livro da questão penal, essas coisas. Ele começou fazendo um concurso permanente feito em Teresina. Então ele se tornou um advogado rábula”, disse.

Mestre da oratória

Ariston gostava de escrever sobre os acontecimentos históricos no Brasil e no Mundo. Pelo apreço à escrita, desenvolveu também uma boa oratória. Segundo os familiares, ele discursava nos eventos importantes da cidade. “Meu pai era muito querido aqui e era o intelectual da cidade. Tudo que queria fazer aqui chamavam meu pai”, falou Maria.

O neto Euvaldo disse que quando acabou a Segunda Guerra Mundial, o pai dele foi buscar o avô Ariston para fazer o discurso. “Ele tinha um carro, foi buscar ele aqui pra fazer o discurso de encerramento. Sempre na semana



Filhas e netos de Ariston Dias Lima



Ariston Dias Lima rodeado de filhos e netos



Profº Ariston discursava na maioria dos eventos da cidade

da pátria ele discursava. Ele sempre era idolatrado nesse sentido. De ter o dom da palavra, de falar”.

Os familiares destacam que Ariston era muito querido pelos sãoaimundeses por conta da humildade. “Meu pai era daqueles simples e humilde. Às vezes quando ia receber o aluguel a pessoa dizia ‘ohh seu Ariston não tenho dinheiro, nem pra pagar a luz’. Ele botava a mão no bolso e dizia: ‘ pois, vá pagar sua luz e vá pagar sua água, e a pessoa dizia: ‘ depois eu pago o senhor’, mas ele não aceitava”, conta a filha Maria.

Ariston viveu no seio de uma família política. Segundo o neto, ele gostava de política, mas não queria estar à frente de um cargo. Mesmo assim foi um nome cotado para ser candidato a pre-

feito de São Raimundo Nonato pelo Partido Social Democrático (PSD), em 1954. Mas o candidato da oposição, Padre Manoel Lira Parente, muito querido por uma parcela da região, ganhou o pleito com 202 votos. “Depois que terminou a eleição, foi a pessoa que ficou mais amiga do Padre Lira. O padre foi o que mais ajudou meu avô. Naquele tempo tinha a dificuldade também”, lembrou Euvaldo.

Com a uma vida longa, Ariston viveu até os 93 anos. Os filhos e netos puderam participar muito da vida do avô, que andava sempre bem-humorado e disposto a ajudar nas estripulias. “Todo mundo era louco por ele”, memora a filha Maria.

Cerrado do Alto do Parnaíba



Cerrado do Alto do Parnaíba, as riquezas do maior município do Piauí

O nome do campus do Cerrado do Alto do Parnaíba foi dado para homenagear a grande região dos cerrados piauienses. Uruçuí, cidade com mais de 20 mil habitantes, segundo o último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, é o maior município piauiense em extensão territorial e um dos maiores do Nordeste.

O nome do Campus

O campus de Uruçuí ganhou nomenclatura em março de 2019, após uma escolha entre os professores da unidade universitária e aprovado pelo conselho de campi. A região de Uruçuí recebeu a unidade da UESPI em 2002, através da Resolução CONDIR nº 005/2002, logo sendo estabelecida na cidade foi chamada de “Campus de Uruçuí” por todos esses anos. Após a discussão de escolha para Cerrados do Alto do Parnaíba, o novo nome está passando por processo de legais e jurídicos para ser colocado em Lei Estadual.

Uruçuí está localizada na região do Tabuleiro do Alto Parnaíba e possui uma grande área de Cerrado com alto potencial de desenvolvimento e um rico bioma. A sua região é banhada por três rios: Parnaíba, Uruçuí Preto e Balsas. Por estar localizada exatamente nessa região, este foi um fator determinante na escolha do nome do campus da UESPI. “Escolhemos um nome que mar-

ca muito bem a região, uma vez que não somos valorizados ou até mesmo esquecidos por aqueles que não conhecem o potencial da região”, diz Marlei Rosa dos Santos, professora do curso de Agronomia do campus.

Na escolha estiveram envolvidos professores dos três cursos do campus: Pedagogia, Administração e Engenharia Agrônoma. Foram apresentadas quatro opções de nomes e escolhido três para serem votados: Campus Rio Uruçuí Preto; Campus Uruçuí Preto e Cerrados do Alto Parnaíba. A professora Rosa Maria Borges ressalta que o nome eleito foi uma forma de valorizar a região.

Uruçuí: a capital dos cerrados

De acordo com dados da prefeitura do município, a cidade foi emancipada em 23 de junho de 1902 por meio da lei nº 290 de iniciativa do legislativo estadual. “A emancipação foi motivada pelo crescente serviço de navegação fluvial que acontecia entre as cidades piauienses de Parnaíba, Teresina, Floriano e São Félix de Balsas (MA), tendo Uruçuí como entreposto desse rico processo. Isto com início nas últimas décadas do século XIX” registram os dados. Antes do processo de emancipação a região se chamava Nova Villa.

No artigo “Uruçuí: Aspectos Históricos e sociais”, o professor Anchieta Santos explica a mudança do nome da cidade e as origens da palavra: “O nome Urussuhy, como era grafado an-

tes ou Uruçuí, na atual escrita, tem uma forte simbologia construída por componentes naturais que justificam a glória que o poeta canta em seu hino. Em uma análise direta, poderia dizer que a palavra Uruçuí significa alimentação: pão e vinho, comer e beber”, afirma.

De acordo com ele, a palavra “uruçu” vem de abelha e o “i” de água. “Uruçu é uma pequena abelha amarelada que existia em abundância nas proximidades dos rios Uruçuí-Preto e Parnaíba; ainda existe em pequena quantidade. Ela produz um mel comestível que serviu como fonte de alimentação dos nativos e outros habitantes da grande Uruçuí. Não apenas alimento, o mel da abelha uruçu foi significativa fonte de renda, prevenção e cura de várias doenças por mais de um século. O “i” que é o segundo elemento que compõe o nome do nosso município, é de origem Tupi Guarany e significa água”, explica. Para o docente, todo processo de desenvolvimento da região se deve à “estrada líquida e fluída”. A navegabilidade pelo rio Parnaíba e Balsas permitiu que a cidade tivesse os seus primeiros habitantes, as primeiras cargas de sal e as primeiras peças de tecidos.

Anchieta Santos também relembra que a empresa “Oliveira, Pearce & Comp.” foi uma das pioneiras na navegação dos rios, com contrato regulamentado pelo Governo Federal (Nilo Peçanha). “Por longos anos, parte das extensas áreas de terras dos cerrados, veredas e baixões, foram ocupadas apenas pela criação

de animais e agricultura de subsistência. Somente na década de 1990 é que se inicia o uso das terras dos cerrados para plantio de grãos em larga escala”, acrescenta.

O cerrado com fonte de pesquisa e riqueza

A cidade de Uruçuí se transformou em campo de atuação de muitos pesquisadores, principalmente, das ciências agrárias. Também por ser conhecida como uma região de terras férteis para a produção de grãos, empresas de grande porte investem no cultivo da soja, explorando o grande potencial dos cerrados.

Na UESPI de Uruçuí, os professores dos três cursos têm se dedicado a fortalecer a pesquisa, com diferentes abordagens. O professor Francisco Gomes Júnior, do curso de Agronomia, estuda aspectos relacionados à extensão dos cerrados, e as características dos solos, ecossistemas e recursos hídricos.

A professora Lorena Raquel de Alencar, do curso de pedagogia, realiza trabalhos de articulação com as comunidades e assentamentos próximos à cidade. “A área que pesquisei é a

prática educativa na educação do campo”, explicou. Ela buscou discutir a formação dos sujeitos do campo no sentido da militância, da prática produtividade, das escolas e da cidadania.

Um dos docentes que também desenvolve pesquisas sobre a região é o professor João Valdenor Pereira. No curso de agronomia ele tem buscado se inserir em pesquisas que visem à utilização racional dos recursos hídricos, destinados às áreas irrigadas. “Além disso, contribuímos também para a investigação e melhor eficiência na aplicação comparativa entre o uso de defensivos agrícolas via aérea/via terrestre, que é bastante utilizado aqui na região”, destacou.

“Minha principal área de atuação é a semente. Pesquiso as espécies nativas do cerrado com grande potencial para utilização na alimentação, visando plantios comerciais principalmente de frutíferas como a gafaria. Também desenvolvo experimento com fazendas produtoras de sementes para comercialização ou consumo próprio”, retoma a professora Marlei Rosa.

As pesquisas sobre substratos orgânicos e regionais para produção de mudas de diversas

espécies foram desenvolvidas pela diretora do campus, Anarlete Ursulino, que também é docente do curso de Agronomia. Enquanto que outra professora, Denise Moreira, é do âmbito educacional, com a atenção voltada ao papel da educação nos impactos da progressiva substituição da produção pesqueira e agropecuária extensiva sobre a população nativa, principalmente das famílias que migram com crianças e jovens do campo para a cidade.

Uruçuí tem uma riqueza imensurável a ser explorada pelos pesquisadores. A professora Marlei ressaltou que esse potencial só precisa ser feito com consciência da preservação ambiental. Para ela, a cidade tem fortes pontos para o desenvolvimento, mas é preciso investir em mais áreas de atuação profissional, para que os filhos de Uruçuí possam ser inseridos no mercado de trabalho.

A professora Lorena de Raquel Alencar destaca que a contribuição da universidade para a região deve fortalecer a construção social e cultural da cidade, a história da cidade, a economia e as relações sociais. A grandeza da região dos cerrados precisa ir além do território.



Imagens antigas do centro comercial de Uruçuí
Foto|Portal R10

Dom José Vazquez Diaz



Dom José Vázquez Díaz, o educador revolucionário

Um homem além do seu tempo” era assim definido Dom José Vázquez Díaz. O bispo que veio da Espanha para revolucionar a história de Bom Jesus, trabalhou pela educação e pelo desenvolvimento do sul do estado.

O nome do Campus

Inaugurado no dia 17 de fevereiro de 2000, o campus da UESPI em Bom Jesus recebeu como homenagem o nome de Dom José Vázquez pela dedicação que o bispo teve pelo município. A doação do prédio, local que funcionava o mercado público da cidade, foi realizada pelo vereador Fábio Núñez Novo na época. O decreto de nº10.252/2000 instituiu o funcionamento do novo campus. Antes, a instituição funcionava no colégio Franklin Dória. O autor da biografia de Dom José, Benigno Núñez Novo, destaca que o bispo sempre foi um homem que viu na educação uma grande oportunidade de crescimento e transformação de realidades. “Naquele tempo [década de 60] ele já tinha uma visão muito grande e fez despertar a importância para formar pessoas. A igreja não tinha que ter só o papel de evangelizar, também tinha o papel de educar, porque o estado não tinha essa função de levar educação para aquela região tão isolada do Piauí”, disse.

Dom José vislumbrava levar a educação superior para o

município, pois era através dela que seria possível formar pessoas para dar continuidade ao processo educacional. O sonho de ter um campus universitário se concretizou em memória póstuma.

Biografia

A história de Dom José é registrada em 80 páginas de um valioso acervo de documentos e fotos. O material reunido por Benigno e professoras de Bom Jesus, detalha a trajetória do bispo desde o começo da vida até a partida da terra.

Segundo informações da obra, Dom José nasceu no dia 20 de novembro de 1913, na Paróquia de San Juan em Chavaga, Província de Lugo, Espanha. Era o segundo filho de Jesus Vázquez Díaz Senra e Manuela Díaz Vázquez. Nascido em uma família de oito irmãos, cinco homens e três mulheres. Viveu 84 anos, onde parte deles dedicou a vida em trabalhar pela igreja, educação e as pessoas. Findou sua missão em 29 de maio de 1998.

Os primeiros passos de Dom José na vida sacerdotal foram dados no mosteiro de Poio, em Pontevedra, na Espanha. Aos 17, concluiu a primeira fase dos estudos em Chavaga, onde deu início a sua caminhada na religião. Com 11 anos de preparação, foi ordenado sacerdote de Ourense em 8 de novembro de 1936 pelo bispo Dom Cerviño. A primeira missa em que celebrou é datada de 11 de novembro do mesmo ano, na cidade de Verin.

Nessa época, lutou na guerra espanhola como capelão Militar. Com o fim da guerra, em 1938, retornou para o convento e

foi nomeado reitor do colégio Tirso de Molina, onde trabalhou por um ano. Logo depois, foi estudar na Faculdade de Física e Ciências Químicas da Universidade Central de Madri e concluiu a graduação na Universidade de Salamanca, em 1950, onde obteve o título de doutor. Em 1951 se tornou superior do mosteiro de Poio.

A vinda de Dom José para o Brasil foi motivada pela ordem mercedária, que já realizava missões no país e na época buscou a criação de conventos e paróquias. Ele residiu em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde contribuiu com a fundação das casas mercedárias. Dom José esteve presente na inauguração da primeira casa mercedária de São Paulo.

Chegada ao Piauí

Dom José foi o primeiro bispo diocesano a residir em Bom Jesus. No ano de 1956, ele se tornou bispo auxiliar, consagrado por Dom Fernando Quiroga Palácios, Cardeal de Santiago de Compostela com o título de Usula. Quando chegou ao Piauí, se instalou na Prelazia [unidade territorial da igreja] de São Raimundo Nonato, mas o seu desejo era pela Prelazia em Bom Jesus. Com a morte de Dom Inocêncio Lopes de Santamaria, em 1958, Dom José assume o quarto Prelado **em Bom Jesus**. Ele rompe com a tradição de três gerações de bispos e fixa residência na cidade.

O seu primeiro grande trabalho foi a divisão da prelazia em duas. De acordo com a sua biografia, ele escreveu uma carta à Sagrada Congregação Consistorial do Vaticano justificando todas as razões para a divisão da Pre-

lazia, que foi autorizada pela bula papal de João XXIII “CUM VENERABILIS”, em 17 de dezembro de 1960”, assim relatou a obra.

O momento foi celebrado na catedral de São Raimundo Nonato, com a presença de autoridades eclesiais como Dom Avelar Brandão Vilela, Arcebispo de Teresina, Dom Edilberto Dinkeiborg, de Oeiras e Dom José Vázquez Díaz. Outra solicitação importante de Dom José para Roma foi a mudança de Prelazia de Bom Jesus para Diocese de Bom José do Gurguéia. Este título foi adquirido em 3 de novembro de 1981.

“Viriliter age”

Dom José teve como marca um trabalho incansável pelo município de Bom Jesus. Carregava como lema a expressão em latim “Viriliter age”, que na tradução significa “Trabalha varonilmente”. Segundo Benigno Novo, o bispo tinha uma visão de que

toda região do Vale do Gurguéia ia crescer rapidamente. Mesmo o extremo sul do Piauí sendo negligenciado pelos governantes do estado na época, Dom José buscou recursos para construir escolas, casas e hospitais.

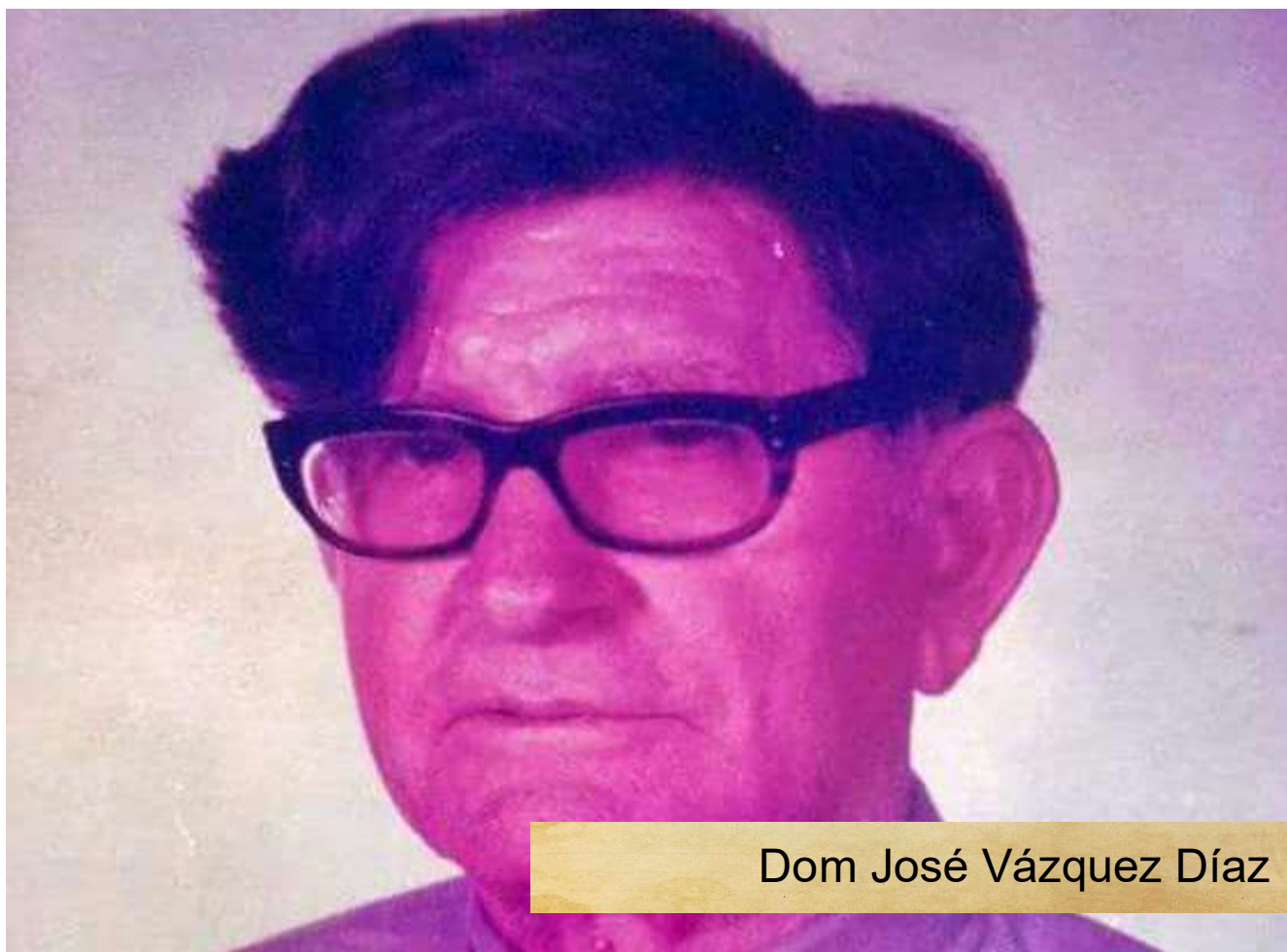
“Ele foi um articulador político, tinha amizades com o então governador Alberto Silva, que quando ia a Bom Jesus ficava na casa dele. Com Helvídio Nunes também. Além de fazer a questão religiosa, educacional, ele também fazia a questão política. Não é que ele fizesse política partidária, mas ele usava a política para conseguir os benefícios para a população”, explicou Benigno.

A educação era uma das suas grandes preocupações. Em Bom Jesus ergueu escolas primárias e secundárias em todas as paróquias. Fundou ginásio em Gilbués, Curimatá, Monte Alegre, Parnaguá e Bom Jesus. Em 1970, fundou a Escola Normal Helvídio Nunes de Barros (ENHNB) em Bom Jesus para a formação de

professores. Nela atuou como diretor e professor. A prelazia matinha também na mesma década a Escola Normal, a Escola de Comércio, a Escola de Artesanato, sete ginásios e várias Escolas Primárias.

Benigno relatou que Dom José utilizava da influência religiosa e política para reivindicar obras públicas, como foi com o conjunto de casas Vila das Mercês e o hospital de Bom Jesus, que foram construídos no governo de Alberto Silva. Dom José também viabilizou que a BR-135 passasse por dentro da cidade, pois de acordo com o projeto original a rodovia só passaria pelos arredores de Bom Jesus.

Também trabalhou pela construção do seminário da prelazia de Bom Jesus, em 1966. Construiu oficinas de metalurgia, marcenaria e sapataria para promover a mão de obra na região e incentivar a população a buscar a própria renda. “Ele acreditava que as águas do Rio Gurguéia e do



Dom José Vázquez Díaz

Dom José Vázquez Díaz com o Papa João Paulo II



Benigno Núñez Novo, autor da Biografia de Dom José Vázquez

subsolo nos transformariam em um novo Nilo pelas riquezas que podiam prosperar na agricultura e em outros setores como o agro-negócio e comércio”, destacou Benigno na biografia.

Uma das maiores obras idealizadas por Dom José foi a catedral de Nossa Senhora das Mercês de Bom Jesus, com capacidade para cinco mil pessoas. A construção iniciou em 13 de junho de 1972, e tinha como responsáveis Dom José e Dom Abel Alonso Núñez. A igreja levou cinco anos para ser finalizada e teve o suporte do engenheiro português Joaquim de Almeida, dos carpinteiros bonjesuenses Luís Francisco da Silva (Luís Cevero), Antônio do Rêgo Lacerda e Roberval, e os ajudantes, José Luiz, José Barbosa, Agenor e Alfredo Ricardo. Também fizeram parte do conjunto de obras de Dom José o Centro Pastoral de Nolasco, a igreja de Curimatá e de Gilbués.

Legado

De 1957 a 1989 Dom José se dedicou a missão de evangelizar por Bom Jesus. Aos

75 anos, passa o bispado para Dom Ramón López Carrozas e vai residir na casa mercedária em Brasília. Lá permanece até o seu falecimento.

A memória de Dom José é preservada na cidade com muito apreço pelo Bonjesuenses. A sua presença ficou registrada de forma bastante simbólica. Realizando um desejo dele, o seu túmulo foi construído dentro da Catedral de Nossa Senhora das Mercês, onde foi sepultado. Também foi erguido uma estátua em sua homenagem no largo da igreja.

Dom José servia por amor e devoção. Um homem simples, que era querido por todos, principalmente os mais pobres a quem ele dedicava um trabalho com projetos sociais de distribuição de roupas, mantimentos e materiais de construção.

A Professora Maria Ismenha Vieira do Amarante foi uma das pessoas que vivenciou a passagem de Dom José em Bom Jesus. Segundo ela, Dom José foi uma pessoa muito à frente de tudo. “Bom Jesus antigamente não era bem desenvolvida, com universidade e faculdades. Era

uma cidade bem pequena e mesmo assim ele sempre teve essa visão e muito preocupado também com o povo, pois tinha muita pobreza na época”, comenta.

Ismenha acredita que Dom José representou um marco para população da cidade. “Muitos dos que são professores devem isso a Dom José. Porque antes só se fazia o ensino fundamental em Bom Jesus. Quem tinha condição saía, quem não tinha, parava por aí”, lembrou.

Para ela, o maior legado de Dom José foi ter olhado pelas pessoas menos favorecidas. As perspectivas de vida no extremo sul do estado eram mínimas. O bispo trabalhou para reverter a situação de um povo que vivia em terras tão longínquas e esquecidas. “Ele era preocupado de trazer conhecimento e oportunidades de trabalho para essas pessoas que habitavam a cidade. Ele ofereceu de certa forma um futuro digno para muitas pessoas dentro de Bom Jesus”, finalizou.

Jesualdo Cavalcanti Barros



Jesualdo Cavalcanti Barros, o líder da educação

Jesualdo Cavalcanti Barros foi um político piauiense que lutou pela educação da região extremo sul do Piauí. No decorrer da vida exerceu a função de secretário do estado, conselheiro do Tribunal de Contas, escritor e participou ativamente da política estudantil dos anos 1950 e 1960.

O nome do Campus

A movimentação pela educação superior na região sul do Piauí ocorreu entre os anos de 1988 e 1992. Um grupo liderado por Jesualdo Cavalcanti criou a Fundação de Ensino Superior do Sul do Piauí (FESPI), instituição comunitária de abrangência em vários municípios.

“Tinha lá em Corrente um pessoal do Rio Grande do Sul e um parente deles foi visitar lá a família, né? E esse cidadão era vice-reitor da universidade de Passo Fundo, o professor Agostinho Both. Então, isso nos motivou muito a criar uma universidade no mesmo modelo dessa de Passo Fundo, que é uma universidade comunitária. Nós conseguimos o apoio do Ministério da Educação, que nesse tempo era o Hugo Napoleão, que era o ministro, e conseguimos recursos. A universidade de Passo Fundo passou a dar assessoria a nós em Corrente, inclusive organizando todo projeto de construção. Construímos um projeto de três mil metros e instalamos tudo direitinho”, contou Jesualdo.

A região recebeu do mi-

nistro da educação na época, senador Hugo Napoleão, recursos para construção e equipamentos do prédio, com dez salas, auditório, biblioteca, cinco laboratórios e máquinas agrícolas.

Corrente teve o primeiro vestibular em 1992, ofertando cursos de Agronomia em parceria com a Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Pedagogia com a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Educação do Estado do Piauí (FADEP), entidade mantenedora dos Centros de Formação de Recursos Humanos para o ensino da rede pública estadual em nível superior, Centro de Teleeducação, Centro de Pesquisa. Segundo o livro *Memórias dos Confins* (2007), de Jesualdo Cavalcanti, o primeiro vestibular ofereceu 60 vagas para o curso de Pedagogia, sendo 30 para rede estadual e 30 para a rede municipal de ensino, e 50 vagas para curso de Agronomia.

Em 25 de fevereiro de 1993, as instalações do prédio foram cedidas para UESPI, que estava autorizada a funcionar com uma estrutura multicampi em Corrente, Teresina, Floriano, Picos e Parnaíba, através do decreto do presidente Itamar Franco.

A instituição passou a ser chamada de campus avançado Jesualdo Cavalcanti Barros, através do decreto nº 8997, de 24 de setembro de 1993, assinado pelo então governador na época, Antônio de Almendra Freitas Neto. Segundo Jesualdo, a homenagem recebida foi fruto de um esforço de toda comunidade, com ajuda dos recursos federais dele como deputado federal na época. O homenageado recebeu a menção ainda em vida, em 2019 ele fale-

ceu aos 79 anos.

“Aquele tempo se fez um esforço muito grande, uma reunião de prefeitos da região, que todos lidavam com problemas da falta de ensino superior. Então, onde é que se estudava? Se estudava em Brasília, se estudava em Salvador, Recife. Era o destino normal dos estudantes daquela região. Vários municípios gravitam em torno de Corrente. O pessoal vestiu a camisa mesmo, as prefeituras passaram a subsidiar, a fornecer recursos de fundo de participação, para essa entidade que foi a primeira fundada, a FESPI”, contou.

Jesualdo descreveu em *Memórias dos Confins* o orgulho que foi ter participado da construção da UESPI em Corrente, por ter proporcionado o acesso de tantas pessoas a educação superior, sobretudo os mais pobres. “Eu sou fruto da educação. Eu sou de uma família de 16 irmãos. Quase todos têm curso superior, apesar das distâncias e das dificuldades. Eu vi desde o começo, pelo exemplo de meus pais, que a educação é um caminho. Sem ela não era possível”, salientou.

Trajatória: marcas da repressão

Jesualdo nasceu no seio de uma família numerosa no dia 18 de fevereiro de 1940. O filho de Sebastião de Souza Barros e Iracema Cavalcante Barros foi o décimo primeiro dos 16 irmãos: Justino Cavalcante Barros, Gildeite Cavalcante Barros Paraguassu, Maria Cavalcante Rodrigues, Cleomar Cavalcanti Barros Dantas, Joaquim Pimenta Barros, Ildete Cavalcante Barros Benck, Ivanilde Cavalcante Barros, Irace-

ma Cavalcante Barros, João Cavalcante Barros, José Cavalcante Barros, Jailson Cavalcante Barros, Germano Mário Cavalcante Barros, Carlos Augusto Cavalcante Barros, Sebastião Cavalcante Barros, Nivaldo Cavalcante Barros.

Casou-se com Maria do Perpetuo Socorro Rocha Cavalcanti Barros, com quem teve os filhos Jesualdo Cavalcanti Barros Filho (in memoriam), Juliana Rocha Cavalcanti Barros e Marina Rocha Cavalcanti Barros Mendes. Viveu em Corrente durante os primeiros 14 anos de vida, depois se mudou para Goiânia e quando retornou para o Piauí passou a residir em Teresina, cidade em que mora até hoje.

Na década de 1950, começou a estudar no Liceu Piauiense e logo ingressou no movimento estudantil. “Quando eu estudava no Liceu, eu fazia parte do Grêmio Estudantil, e eu fui presidente desse grêmio. Depois disso, foi fundado a União Piauiense dos Estudantes Secundários, do estado né?! Aí eu fui eleito presidente. Nessa movimentação de liderança estudantil eu terminei me envolvendo em política, me candidatei a vereador”, relatou Jesualdo. Ele também presidiu o Centro de Estudos da Mocidade Idealista do Piauí (CEMIP), que reunia jovens de sua geração em torno da discussão dos problemas do Piauí e do Brasil. Muito atuante na esfera política decidiu ser candidato a vereador de Teresina. Foi eleito em 1962. O Brasil no período passava por uma forte manifestação

ideológica das reformas de base do governo de João Goulart, segundo Jesualdo. “Eu me vinculei muito, me aproximei muito do governador do Piauí, que era do PTB, Chagas Rodrigues. Eu terminei sendo candidato a vereador pelo PTB. Fui eleito, mas perdi o mandato em 64, por conta o golpe militar, em abril de 64. Fui processado, cassado e preso”, contou.

Ele passou 60 dias preso no quartel do 25ºBC (Batalhão de Caçadores) e na penitenciária de Teresina, onde hoje funciona o Ginásio Verdão. No livro que Jesualdo publicou em 2006, Tempo de Contar: o que vi e sofri nos idos de 1964, ele relata a situação degradante que passou: “Jogaram-me numa fétida e exígua solitária, que mal me cabia deitado e onde penetrava uma pífia réstia de luz, e lá permaneci por 48 horas. Dispunha de uma lata vazia de manteiga para urinar, sempre prestigiado pela companhia de formigas e baratas”.

Ele revelou que foi preso por ter pensamentos contrários ao sistema. “Os militares tomaram o poder e eu era detido. Eu lutava pelo que se luta hoje: qualidade de ensino, qualidade de saúde, mais ou menos o que se queria era isso. Uma mudança de país. O pessoal pensava de uma forma diferente. Por isso que eles deram o golpe e derrubaram o presidente, João Goulart”, disse.

Os grandes feitos na política

Depois de 10 anos, Jesualdo retoma as atividades po-

líticas. Na primeira vez que se candidatou a Deputado Estadual não foi eleito. Somente em 1978 se elegeu deputado estadual pela primeira vez e 1982 foi reeleito. Formado em Direito pela Faculdade Federal de Direito do Piauí (hoje UFPI) em 1966, dirigia um escritório de consultoria e planejamento de administração municipal (1967/1979), que atendia inúmeros municípios do Piauí.

Enquanto Deputado Estadual foi Secretário de Cultura, Desportos e Turismo e Presidente da Fundação Cultural do Piauí (1983/1986). Segundo ele, nesse período foram implantados o Projeto “Petrônio Portela”, na qual resultou a publicação de cerca de 40 obras de autores piauienses que versavam sobre temas piauienses; foram publicadas 13 edições da Revista Presença (revista de divulgação da literatura e da arte piauienses). Além disso, nesse projeto englobou a criação da Escola de Dança do Piauí (Teresina), a Casa Odilon Nunes (Amarante), a Casa da Cultura de Corrente, o Espaço Cultural Maria Bonita (Floriano), o Museu de Arte Sacra (Oeiras), o Museu do Couro (Campo Maior). Ainda os hotéis RIMO em Corrente, Canto do Buriti, Pedro II e Esperantina, além da Pousada Velho Monge (Amarante) e da Pousada do Cônego (Oeiras).

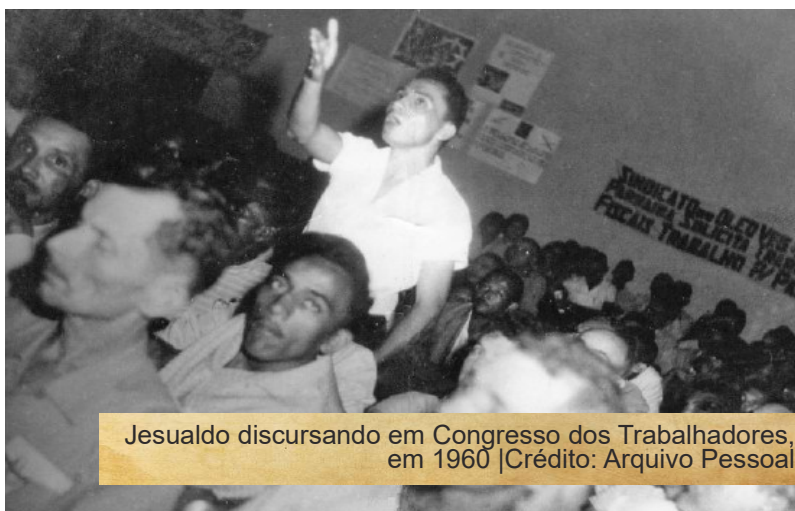
Muito defensor da preservação do Patrimônio Histórico, quando estava como secretário de cultura, participou de um movimento para barrar a demolição do Clube dos Diários, pois havia a previsão construção de um Shopping no local. “Houve uma negociação de uma pessoa que se considerava dono do clube para ser construído um shopping ali, como o Clube dos Diários foi fundado em 1922, de uma ligação muito estreita com a vida social de Teresina, tudo que era importante ocorria lá. Então, deixar que um prédio desses com esse valor todo fosse demolido, para dar lugar a um shopping que poderia ser construído em qualquer lugar, nós decretamos, com o apoio do governador, o tombamento do



Visita de autoridades locais ao campus durante reforma, em 2002
Crédito: Arquivo Pessoal



Lançamento do livro *Memória dos Confinos*, em 2007 | Crédito: Arquivo Pessoal



Jesualdo discursando em Congresso dos Trabalhadores, em 1960 | Crédito: Arquivo Pessoal

Clube dos Diários. Isso evitou que ele fosse vendido”, memora.

Em 1987 foi eleito deputado federal e participou da elaboração da Constituição Cidadã, a Constituição Federal de 1988. Segundo o site do Senado Federal, a Constituição promulgada no dia 5 de outubro de 1988, durante o governo de José Sarney, é conhecida por “Constituição Cidadã”, por adotar em seus fundamentos uma maior liberdade e direitos ao cidadão – reduzidos durante o regime militar – e manter o Estado como república presidencialista. Ela é a sétima adotada no país.

Jesualdo voltou a ser deputado estadual em 1990, nessa época foi escolhido por seus pares como presidente da Assembleia Legislativa para o biênio 1991/1993. Se candidatou a prefeito de Teresina em 1992, mas não foi eleito. Em 1994 assumiu a presidência do Tribunal de Contas do Estado pela Assembleia Legis-

lativa. Resolveu se aposentar voluntariamente em 2002 para dedicar-se às pesquisas sobre história do Piauí. Voltou à vida política em 2012, se candidatou e foi eleito prefeito de Corrente, terminando o último mandato da carreira em 2016.

Defensor do Gurgueia

Quando se afastou para realizar pesquisa sobre a história do Piauí participou da criação do Centro de Estudos e Debates do Gurgueia (Cedeg), sendo escolhido presidente. À frente do órgão, promoveu vários eventos para divulgação da ideia e esclarecimento sobre a viabilidade técnica de criação do novo estado do Gurgueia. Ainda como deputado federal, apresentou na Câmara Federal a proposta de criação do Estado do Gurgueia.

Centrou sua atividade política e intelectual para a região.

Para ele o Sul do Piauí é uma região muito esquecida, e de certa forma é um desafio aos moradores trabalhar para a região, pelas dificuldades serem maiores, devido à distância. Mas também, segundo Jesualdo, Corrente é uma cidade de um bom nível cultural, porque desde cedo ela se tornou uma espécie de centro educacional.

“Lá se instalaram as americanas no começo do século passado, O Instituto Batista Correntino, que até hoje ainda existe. A Igreja Batista, a igreja protestante, ela se instalou primeiramente em Corrente. Ela não se instalou em Teresina e tomou o rumo do interior, não! Ela foi instalada em Corrente primeiramente, em 1904. E esse pessoal também era muito preocupado com a educação. Tanto que esse colégio recebia gente, quando tinha internato, recebia gente de várias partes do Brasil. Aqueles estados limítrofes do Piauí. Então, ia muita gente estudar em Corrente. Sempre foi um centro recente, como muita mobilidade, muito dinamismo”, comentou.

O membro da Academia Piauiense de Letras, de posse da cadeira nº 03 (Patrono: Padre Joaquim Sampaio Castelo Branco), retribuiu o seu amor pelo Gurgueia através dos livros: “Tempo de Cultura” (1985), “O Estado do Gurgueia e Outros Temas” (1995), “Notícia do Gurgueia” (2002), “Tempo de Tribunal” (2003), “Memória dos Confinos” (1ª edição em 2005 e 2ª edição em 2007), “Dicionário Enciclopédico do Gurgueia” (2008), “Tempo de contar” (2006), “Gurgueia: espaço, tempo e sociedade” (2009) e “Sertões de



Jesualdo na inauguração do piso superior da ALEPI | Crédito: Arquivo Pessoal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “Memória UESPI” é o resultado do trabalho de três anos de pesquisa, escrita e compilação de dados sobre personalidades, fatos e eventos que marcam a história da universidade e do Piauí.

A obra, que teve como finalidade narrar os feitos de vida e trabalho das pessoas que foram homenageadas nos 12 campi e contribuíram de forma significativa para a vida da UESPI, é também um resgate da memória da instituição.

Cada história relatada ao longo dessas páginas integra a construção histórica da UESPI de Norte a Sul do estado, sob a perspectiva de personalidades e eventos que foram de grande relevância para a construção das cidades e estado, na formação social, política e cultural.

Que este livro sirva de leitura e pesquisa para muitos Uespianos, além de fonte de inspiração para a construção da história da universidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, Kennedy. BARROS, Remédio. BARROS, Lillian. BARROS FILHO, Antônio (outubro de 2017). Entrevistadora: Valéria Soares Oliveira. Teresina-PI. Entrevistas concedidas ao Projeto Memória UESPI.

BARROS, Jesualdo Cavalcante (janeiro de 2018). Entrevistadora: Valéria Soares Oliveira. Teresina-PI. Entrevistas concedidas ao Projeto Memória UESPI.

BARROS, Jesualdo Cavalcanti. Memória dos Confinos. A saga de vaqueiros, heróis e jagunços nos ermos sertões onde começou o Piauí. Teresina-PI. Gráfica do Povo, 2007.

BEZERRA, Feliciano. A escritura de Torquato Neto. São Paulo. Publisher, Brasil, 2004.

CASTRO, João Eudes. LIMA, Keila Dias. LIMA, Euvaldo Dias. LIMA, Maria Dias. (abril 2018) Entrevistadora: Valéria Soares Oliveira. Teresina-PI. Entrevistas concedidas ao Projeto Memória UESPI.

DEMES, Maria. LOPES, Luís Paulo. DEMES, Nagib (junho de 2017). Entrevistadora: Valéria Soares Oliveira. Teresina-PI. Entrevistas concedidas ao Projeto Memória UESPI.

DEMES, Josefina. Floriano: Sua história, Sua gente. Teresina-P, Halley, 2002.

FONTINELES FILHO, Pedro Pio (março de 2017) Entrevistadora: Valéria Soares Oliveira. Teresina-PI. Entrevista concedida ao Projeto Memória UESPI.

LEONARDO, Francisco de Assis Pereira. MOREIRA, Denise Hosana. ALVES, Anarlete Usurlino. PEREIRA, João Valdenor. ALENCAR, Lorena Raquel. JÚNIOR, Francisco Gomes. SANTOS, Marlei Rosa dos.

LIMA, Rodrigo Marley de Queiroz. SILVA, Shayana Avelinino. Possidônio Queiroz: um Homem a ser escutado. Oeiras-PI, sem data, IBENS.

LOPES, Paulo José da Silva. JESUS, Pauliana Maria de. SILVA, Iraneide Soares da. (Abril de 2017) Entrevistadora: Valéria Soares Oliveira. Teresina-PI. Entrevistas concedidas ao Projeto Memória UESPI.

MACHADO, Paulo. Entrevista (abril de 2017) Entrevistadora: Valéria Soares Oliveira. Teresina-PI. Entrevista concedida ao Projeto Memória UESPI.

MENDES, George. Entrevista (Fevereiro de 2017) Entrevistadora: Valéria Soares Oliveira. Teresina-PI. Entrevista concedida ao Projeto Memória UESPI.

NOVO, Benigno Núñez AMARANTE, Maria Ismenha Vieira. (novembro 2019). Entrevistadora: Valéria Soares Oliveira. Teresina-PI. Entrevistas concedidas ao Projeto Memória UESPI.

NOVO, Benigno Núñez. A biografia de Dom José Vázquez Díaz. Publicação Independente. 2017.

OLIVEIRA, Alexandre Alves de. OLIVEIRA, Maria Christina de Moraes Souza. (junho de 2017). Entrevistadora: Valéria Soares Oliveira. Teresina-PI. Entrevistas concedidas ao Projeto Memória UESPI.

OLIVEIRA, Valéria Soares. Documentos da Biografia de Ariston Dias Lima do Laboratório de Documentação e Pesquisa em História do campus de São Raimundo Nonato. 2018, dimensões da fotografia 3008 x 2000.

QUEIROZ, Francisco. LIMA, Rodrigo Marley de Queiroz. SILVA, AMORIM, Petronila. (setembro de 2017). Entrevistadora: Valéria Soares Oliveira. Teresina-PI. Entrevistas concedidas ao Projeto Memória UESPI.

SOUSA, Adalgisa Alves de Sousa. GETIRANA, Luiz Mario. SOUSA, Helder. SOUSA, Helisa. MELO, Bárbara Olímpia. (Maio de 2017). Entrevistadora: Valéria Soares Oliveira. Teresina-PI. Entrevistas concedidas ao Projeto Memória UESPI.

SANTANA, Anchieta. Uruçuí: Aspectos Históricos e Sociais. Portal R10. 2017.

SOBRE A AUTORA



Valéria Soares

Formada em Jornalismo e Relações Públicas pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Pós-graduada em Telejornalismo e Convergência de Mídias pela Faculdade Ademar Rosado (FAR). Coordenadora de conteúdo na Assessoria de Comunicação da UESPI e repórter da Revista Revestrés.



Universidade Estadual do Piauí

editora.uespi.br



Editora e Gráfica - UESPI